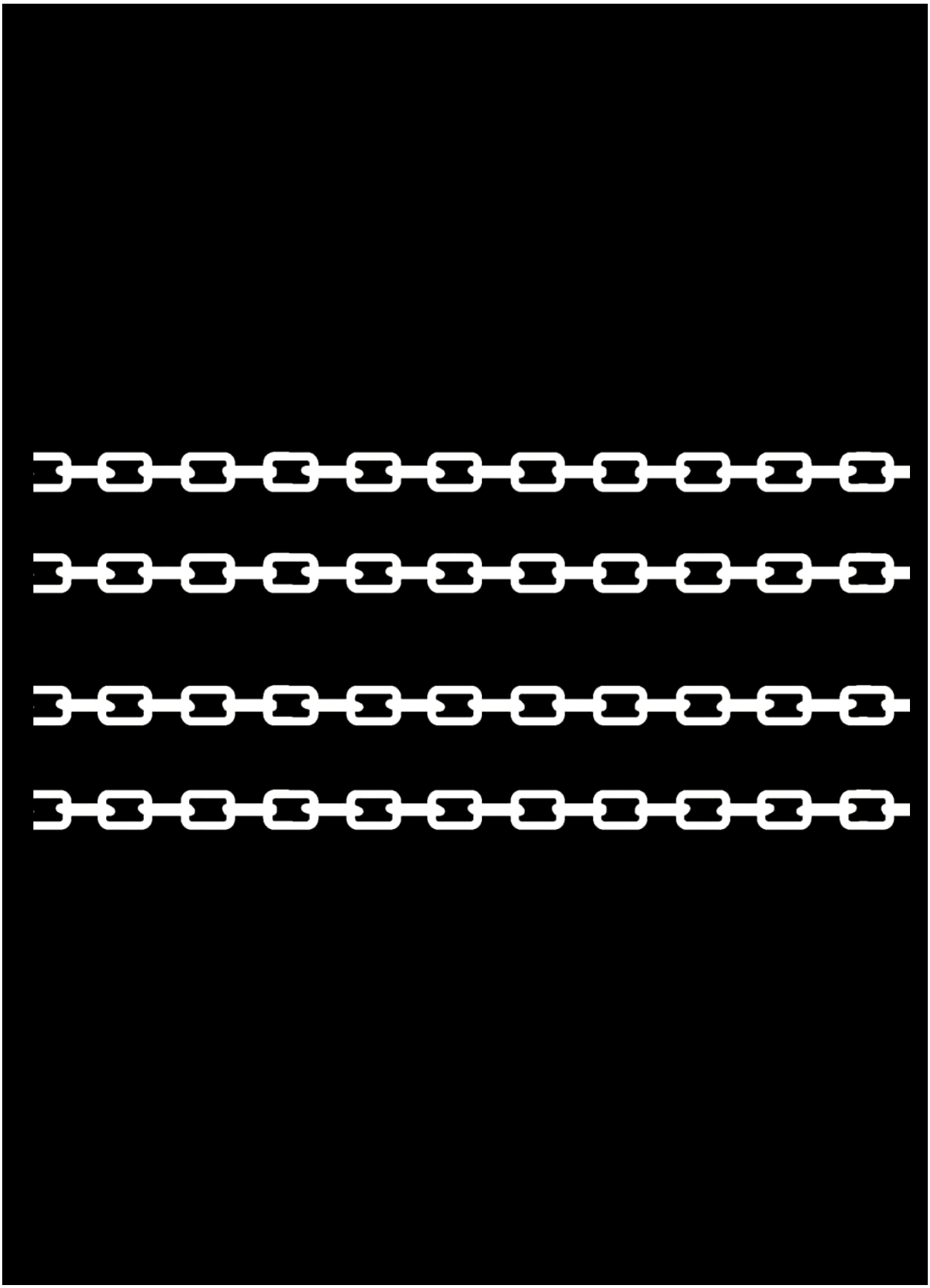
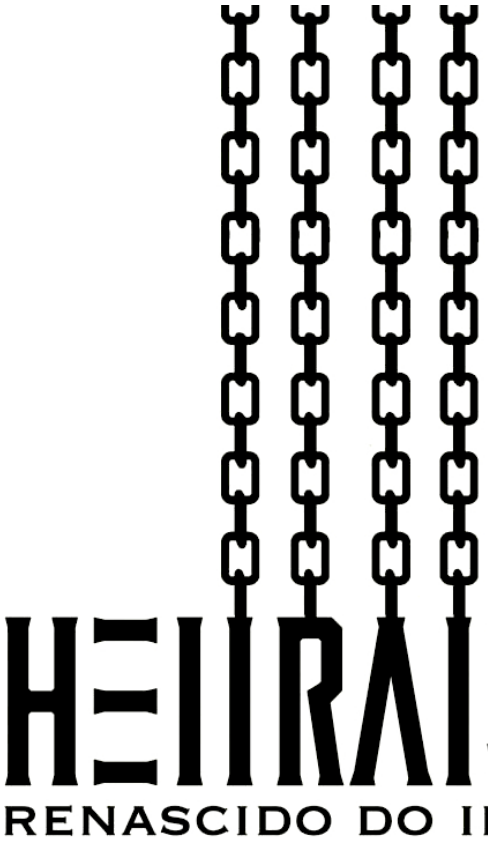
CLIVE BARKER

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub





RENASCIDO DO INFERNO

CLIVE
BARKER

TRADUZIDO POR
ALEXANDRE CALLARI

DARKSIDE

SUMÁRIO

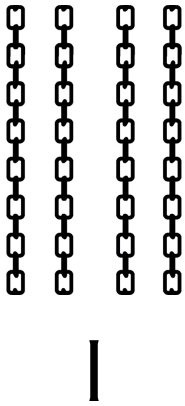
Página de título
Dedicatória
Epígrafe

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI

Sobre o autor
Créditos

Para Mary.

Eu desejo falar com o fantasma de um amor antigo
Que tenha morrido antes do deus do Amor surgir.
— John Donne, “Love’s Deitie”



I

Frank estava tão compenetrado em resolver o quebra-cabeça da caixa de Lemarchand, que não escutou o grande sino começar a tocar. O dispositivo havia sido construído por um mestre artesão e a charada era a seguinte: embora lhe tenha sido dito que a caixa continha maravilhas, simplesmente parecia não haver forma de abri-la, nenhuma pista em nenhuma das suas seis faces pretas envernizadas com laca de onde ficavam os pontos de pressão que desencaixaria alguma peça daquele enigma tridimensional.

Frank vira quebra-cabeças parecidos em Hong Kong, frutos do gosto dos chineses por criar metafísica a partir de madeira bruta — mas, à acuidade e técnica dos chineses, o francês trouxera uma lógica perversa que era só sua. Se o enigma tinha um sistema, Frank fracassara em encontrá-lo. Somente após várias horas de tentativa e erro, uma justaposição ao acaso dos polegares e dedos médios e últimos deu algum fruto: um clique quase imperceptível e, então, vitória! Um segmento da caixa deslizou para fora dos demais.

Duas revelações ocorreram.

A primeira, que a superfície do interior era brilhantemente polida. O reflexo distorcido de Frank

deslizava ao longo da laca fragmentada. A segunda, que Lemarchand, que na sua época fora um fabricante de pássaros cantantes, tinha construído a caixa de modo que ao ser aberta, ela acionava um mecanismo musical que começava a tinir um rondó curto de banalidade sublime.

Encorajado pelo sucesso, Frank continuou a trabalhar na caixa fervorosamente, encontrando com rapidez novos alinhamentos das aberturas estriadas e cavilhas lubrificadas, as quais, por sua vez, revelavam ainda mais meandros. E, a cada nova solução — cada meia torção ou puxada — outro elemento melódico era trazido em cena, de modo que o tom era contraposto e desenvolvido, até a tônica inicial se perder em meio à ornamentação.

A certa altura dos esforços dele, o sino começara a tocar — um dobre constante e sombrio. Ele não escutou, ao menos, não conscientemente. Mas, quando o enigma estava quase concluído — as entranhas espelhadas da caixa desnudadas — ele percebeu que seu estômago se agitara tão violentamente ao som do sino, que este poderia estar tocando por metade da vida.

Frank olhou para seu trabalho. Por alguns momentos, supôs que o barulho estivesse vindo de algum lugar na rua, lá fora, mas dispensou a proposição rapidamente. Já era quase meia-noite quando começara a mexer na caixa do fabricante de pássaros; muitas horas haviam se passado desde então — horas que ele nem ao menos se lembraria de terem transcorrido, se não fosse pela evidência marcada em seu relógio. Não havia igreja na cidade, por mais desesperada que estivesse por fiéis, que tocaria um sino de convocação àquela hora.

Não. O som vinha de um local bem mais distante, atravessando a mesma porta (embora invisível) que a caixa milagrosa de Lemarchand fora criada para abrir. Tudo o que Kircher, que lhe vendera a caixa, prometeu,

era verdade! Ele estava no limiar de um novo mundo, uma província infinitamente distante do quarto onde se sentava.

Infinitamente distante, e de repente tão próxima.

O pensamento fez sua respiração acelerar. Ele antecipara aquele momento com enorme sutileza, planejado aquele despedaçar do véu com toda a sagacidade que possuía. Em poucos momentos, eles estariam ali — aqueles que Kircher chamou de Cenobitas, teólogos da Ordem de Gash. Trazidos dos seus experimentos nos recessos mais altos do prazer para expor suas mentes eternas a um mundo de chuva e fracasso.

Ele tinha trabalhado incessantemente na semana anterior na preparação do quarto para eles. As tábuas nuas do assoalho haviam sido meticulosamente esfregadas e cobertas de pétalas. Na parede a oeste ele montara uma espécie de altar para eles, decorando com o tipo de oferendas apaziguadoras que Kircher assegurara que estimularia o lado bom deles: ossos, bombons, agulhas. Um jarro com sua urina — fruto de sete dias de coleta — ficava à esquerda do altar, caso eles exigissem algum gesto espontâneo de autoprofanação. À direita, um prato com cabeças de pombas, o qual Kircher também o aconselhou a ter à mão.

Ele observara todas as partes do ritual de invocação. Nenhum cardeal, ávido pelas sandálias do pescador, poderia ter sido mais diligente.

Mas, agora, conforme o som do sino tornava-se mais alto, sufocando a caixa de música, ele teve medo.

“Tarde demais”, murmurou para si próprio, esperando reprimir o pavor crescente. O dispositivo de Lemarchand estava desnudo; o truque final havia sido desvendado. Não havia tempo para evasivas ou arrependimentos. Além disso, ele não tinha arriscado a

vida e a sanidade para tornar aquela descoberta possível? Naquele instante, a porta se abria para prazeres que apenas um punhado de humanos sabia da existência e menos ainda tinham *provado* — prazeres que redefiniriam os parâmetros da sensação, que o libertariam do círculo maçante do desejo, sedução e desapontamento que, desde o final da adolescência, o obstinava. Ele seria transformado pelo conhecimento, não? Nenhum homem poderia experimentar a profundidade de tal sentimento e permanecer imutável.

A lâmpada nua no centro do quarto esmaeceu e brilhou, brilhou e esmaeceu novamente. Ela adotara o ritmo do sino, fulgurando em seu máximo a cada vez. Nos intervalos entre a luz e as trevas, o quarto se tornava pleno; era como se o mundo que ele ocupara durante vinte e nove anos tivesse deixado de existir. Então, o sino soava de novo e a lâmpada queimava tão forte que parecia que jamais esmoreceria e, por poucos e preciosos segundos, ele se via de pé num local familiar, com uma porta que levava para fora, para a rua e uma janela pela qual — se ele tivesse a vontade (ou a força) de puxar as persianas — poderia obter um vislumbre da alvorada.

A cada ocasião, a luz da lâmpada revelava mais. Por meio dela, ele viu a parede leste esfolar; viu a solidez dos tijolos se afrouxar momentaneamente e explodir; viu, naquele mesmo instante, o lugar além do quarto de onde o sino tocava. Seria um mundo de pássaros? Enormes pássaros negros voando numa tempestade eterna? Isso foi tudo que os seus sentidos puderam discernir da província de onde os hierofantes chegavam; uma planície em confusão, repleta de coisas frágeis e quebradiças que ascendiam, caíam e preenchiam novamente o ar escuro com seu pavor.

Então, a parede voltou a ser sólida e o sino ficou em silêncio. A lâmpada apagou. Desta vez, sem esperança

de voltar a acender.

Ele ficou nas trevas, sem nada dizer. Mesmo se pudesse se lembrar das palavras de boas-vindas que tinha preparado, sua língua não as teria dito. Ela estava brincando de morta na boca.

Então, a luz.

Ela veio *deles:* do quarteto de Cenobitas que, agora, com a parede selada ao fundo, ocupava o cômodo. Uma fosforescência espasmódica, como o brilho de peixes das profundezas: azul, frio e sem encanto. Ela golpeou Frank, que jamais imaginara como eles se pareceriam. Sua imaginação, embora fértil quando o assunto era logro e trapaça, era pobre naquele quesito. A habilidade de vislumbrar aquelas eminências estava além dele, portanto, não havia nem ao menos tentado.

Por que, então, ele estava tão aflito de observá-los? Seriam as cicatrizes que cobriam cada polegada dos corpos deles, a carne cosmeticamente perfurada, cortada e infibulada, sendo a seguir coberta de cinzas? Seria o odor de baunilha que eles traziam consigo, a doçura que mal conseguia disfarçar o fedor que havia por detrás? Ou seria que, conforme a luz aumentava e ele os examinava mais atentamente, não viu nada de alegria ou mesmo de humanidade em seus rostos mutilados, apenas desespero e um apetite que fazia suas entranhas se retorcerem?

— Que cidade é esta? — um dos quatro perguntou. Frank teve dificuldade em adivinhar o gênero do falante com alguma segurança. Suas roupas, algumas das quais estavam costuradas à pele, escondiam as partes privadas e não havia nada na voz ou nas feições intencionalmente desfiguradas que oferecesse a menor pista. Quando falou, os ganchos que transfixavam as pálpebras dos olhos — unidos por um intricado sistema de correntes que atravessavam carne e ossos a ganchos

similares no lábio inferior — balançaram ao movimento, expondo a carne lustrosa sob eles.

— Eu fiz uma pergunta — ele disse. Frank não respondeu. O nome da cidade era a última coisa que tinha em mente.

— Você entendeu? — a figura ao lado do primeiro falante questionou. Sua voz, diferente da do companheiro, era leve e arejada — a voz de uma garota excitada. Cada centímetro da cabeça era tatuado com um intrincado padrão e, em cada intersecção de eixos verticais e horizontais, havia um alfinete cravejado, enterrado até o osso. Sua língua era decorada de forma parecida.

— Você ao menos sabe quem somos? — perguntou.

— Sim — Frank disse, enfim. — Eu sei.

Claro que ele sabia; ele e Kircher passaram longas noites conversando sobre insinuações aprendidas nos diários de Bolingbroke e Gilles de Rais. Tudo que a humanidade sabia sobre a Ordem de Gash, ele sabia.

Não obstante… ele esperava algo diferente. Esperava algum sinal dos esplendores sem fim que eles tinham acessado. Ele imaginara que, ao menos, trariam consigo mulheres; mulheres untadas, mulheres defraudadas, mulheres depiladas e musculosas de tanto executar o ato do amor: os lábios perfumados, as coxas ansiosas para se abrirem, as nádegas grandes, da forma como ele gostava. Ele esperava suspiros e corpos lânguidos espalhados pelo chão como um tapete vivo; esperava vadias virgens cujo cada orifício fosse seu para explorar e cujas habilidades o levariam — *para além, para além* — a êxtases jamais sonhados. Ele se esqueceria do mundo nos braços delas. Seria exaltado pela concupiscência, em vez de desprezado.

Mas, não. Nenhuma mulher, nenhum suspiro. Somente aquelas *coisas* assexuadas, com a pele corrugada.

Agora, o terceiro falou. Suas feições eram tão terrivelmente escarificadas — as feridas nutridas até incharem — que os olhos eram invisíveis e as palavras corrompidas pela desfiguração da boca.

— O que você quer? — ele perguntou.

Frank examinou este questionador com mais confiança do que fizera aos outros dois. Seu medo diminuía a cada segundo que passava. As lembranças do local aterrador além da parede já estavam ficando para trás. Ele fora deixado com aqueles decadentes decrépitos, com seu fedor e aguda deformidade, com sua evidente fragilidade. A única coisa que tinha a temer era a náusea.

— Kircher me disse que haveria cinco de vocês — disse Frank.

— O Engenheiro virá se o momento merecer — foi a resposta. — Agora, mais uma vez, perguntamos: *O que você quer?*

Por que ele não deveria responder de forma direta?

— Prazer — replicou. — Kircher disse que vocês sabem sobre o prazer.

— Ah, nós sabemos — afirmou o primeiro deles. — Tudo o que você sempre quis.

— Mesmo?

— É claro, é claro — a criatura o encarou com seus olhos demasiado nus. — O que você aspira?

A questão, posta de modo tão aberta, o confundiu. Como ele poderia articular a natureza dos espectros que sua libido criara? Ele ainda procurava as palavras quando um deles falou:

— Este mundo… o desaponta?

— Bastante — ele respondeu.

— Você não é o primeiro a se cansar das suas trivialidades — foi a resposta. — Houve outros.

— Não muitos — o de rosto gradeado colocou.

— É verdade. Um punhado, no máximo. Mas poucos ousaram utilizar a Configuração de Lemarchand. Homens como você, famintos por novas possibilidades, que ouviram dizer que possuímos habilidades desconhecidas em seu mundo.

— Eu esperava… — começou Frank.

— Nós *sabemos* o que esperava — respondeu o Cenobita. — Nós entendemos profundamente a natureza do seu frenesi. É totalmente familiar para nós.

Frank grunhiu:

— Então, sabe com o que sonhei. Pode suprir meus prazeres.

O rosto da coisa se contorceu, seus lábios se ondulando; o sorriso de um babuíno:

— Não da forma como você compreende — ele respondeu. Frank fez menção de interromper, mas a criatura ergueu a mão, silenciando-o.

— Há condições nas terminações nervosas do tipo que sua imaginação, por mais febril que seja, não é capaz de evocar.

— …é mesmo?

— Sim. Decerto. Sua depravação mais caprichosa é brinquedo de criança se comparada às experiências que oferecemos.

— Você tomará parte delas? — disse o segundo Cenobita.

Frank olhou para as cicatrizes e os ganchos. Sua língua voltou a ficar deficiente.

— *Tomará parte?*

Lá fora, em algum lugar próximo dali, o mundo logo estaria despertando. Da janela de seu quarto, ele o observara acordar em rebuliço, dia após dia, para mais uma rodada de buscas infrutíferas. E ele sabia, *sabia*, que não havia restado nada lá fora capaz de excitá-lo. Nenhum ardor, somente esforço. Nenhuma paixão, somente a súbita luxúria e, então, uma indiferença tão

repentina quanto. Ele dera as costas à tamanha insatisfação. Se, para fazê-lo, teria de interpretar os sinais que aquelas criaturas haviam trazido, então tal era o preço da sua ambição. Ele estava preparado para pagá-lo.

— Mostre-me — disse Frank.

— Não há como voltar atrás. Você compreende isso?

— *Mostre-me.*

Eles não precisavam de outro convite para levantar a cortina. Ele ouviu a porta ranger como se fosse aberta e virou-se para ver que o mundo além da soleira havia desaparecido, sendo substituído pelas mesmas trevas repletas de pânico de onde os membros da ordem haviam saído. Ele olhou para os Cenobitas, buscando alguma explicação para aquilo, mas eles tinham desaparecido. Contudo, sua passagem não ficara sem registro. Eles haviam levado as flores consigo, deixando apenas tábuas nuas e, na parede, as oferendas que Frank preparara estavam enegrecidas, como se estivessem no calor de uma chama feroz, contudo, invisível. Ele sentiu o cheiro acre da combustão delas; ele pinicou suas narinas tão firmemente, que Frank estava quase certo de que elas sangrariam.

Mas o cheiro de queimado foi só o início. Assim que ele o registrara, meia dúzia de outros odores preencheu sua cabeça. Perfumes que ele mal notara até então, de súbito, fizeram-se imensamente fortes. O persistente cheiro de flores furtadas; o cheiro da pintura do teto e da seiva na madeira sob seus pés — tudo inundou sua cabeça. Ele podia até sentir o cheiro das trevas além da porta e, dentro delas, o excremento de cem mil pássaros.

Ele levou a mão à boca e ao nariz para impedir que o ataque o possuísse, mas o fedor da perspiração dos seus dedos lhe deu vertigens. Ele poderia ter se sentido nauseado se novas sensações não inundassem seu

sistema e germinassem em cada uma das terminações nervosas.

Era como se ele pudesse, repentinamente, sentir a colisão dos grãos de poeira contra sua pele. Cada exalação irritava seus lábios; cada piscadela, os seus olhos. Bile queimava no fundo da sua garganta e um bocado do bife do dia anterior que ficara alojado entre seus dentes enviou espasmos por todo o sistema ao liberar uma gotícula de calda sobre a língua.

Seus ouvidos tornaram-se tão sensíveis quanto. Sua mente foi preenchida por milhares de ruídos, alguns produzidos por ele próprio. O ar que tocava seus tímpanos era um furacão; a flatulência das suas entranhas, um trovão. Mas havia outros sons — incontáveis — que o atacavam, vindo de um lugar que não era ele próprio. Vozes erguidas em raiva, juras de amor sussurradas, rugidos e agitações, trechos de músicas e lágrimas.

Seria o mundo o que ele estava escutando — a alvorada irrompendo em incontáveis lares? Ele não teve oportunidade de ouvir com atenção; a cacofonia arrancara qualquer poder de análise da sua mente.

Mas havia algo pior. Os olhos! Deus do céu, Frank nunca imaginou que eles poderiam ser tamanho tormento; ele, que achara que não restara nada na Terra que poderia desconcertá-lo. Agora, ele recuava! *Visão* em todos os lugares!

O gesso plano do teto era uma espetacular geografia de golpes de pincel. O tecido da sua camisa lisa, uma insuportável elaboração de fios. Num canto, ele viu um rato se mover com a cabeça de uma pomba morta e piscar para ele, ao perceber que Frank o vira. Demais! *Demais!*

Consternado, fechou os olhos, contudo, havia mais do lado *de dentro* do que fora; memórias cuja violência o abalou ao ponto de quase desacordá-lo. Ele sugou o leite

da mãe e engasgou; sentiu o braço de seu irmão envolvê-lo (uma briga ou um abraço fraternal? De qualquer modo, ele sufocou). E mais, muito mais. Uma vida curta de sensações, todas escritas de modo perfeito em seu córtex, transgredindo-o com sua insistência de serem lembradas.

Ele sentiu-se próximo de explodir. Sem dúvida, o mundo fora da sua cabeça — o quarto e os pássaros além da porta — apesar de todos os seus guinchos excessivos, não poderia ser tão opressor quanto suas memórias. Melhor aquilo, ele pensou, e abriu os olhos. Mas eles não descolaram. Lágrimas ou pus ou agulha e linha os haviam selado.

Ele pensou nos rostos dos Cenobitas: os ganchos e correntes. Será que tinham efetuado alguma cirurgia parecida nele, trancando-o atrás dos próprios olhos com o desfile da sua história?

Temendo pela sanidade, ele começou a se endereçar a eles, embora não estivesse nem ao menos seguro de que eles se encontravam dentro do alcance de suas palavras.

— *Por quê?* — ele perguntou. — Por que estão fazendo isto comigo?

O eco das palavras ribombou em seus ouvidos, mas ele mal as percebeu. Mais impressões dos sentidos vinham nadando do passado para atormentá-lo. A infância ainda persistia na sua língua (leite e frustração), mas havia sensações adultas juntando-se a ela agora. Ele havia crescido! Usava bigode e era poderoso, mãos pesadas e coragem.

Os prazeres da juventude tinham substituído o apelo das novidades, mas, conforme os anos passavam e sensações moderadas perdiam sua potência, experiências mais e mais fortes eram necessárias. E aí vinham elas de novo, mais pungentes por serem despidas nas trevas, nos recessos da mente.

Ele sentiu incontáveis sabores em sua língua: amargos, doces, azedos, salgados; temperos fortes e merda e os cabelos da sua mãe; viu cidades e céus; viu velocidade, viu profundezas; dividiu pão com homens agora mortos e foi escalpelado pelo calor da saliva deles em sua bochecha.

E, claro, havia as mulheres.

Sempre em meio à confusão e agitação, memórias de mulheres surgiam, aturdindo-o com seus odores, texturas e sabores.

A proximidade deste harém o excitou, apesar das circunstâncias. Ele abriu as calças e acariciou o pau, mais ávido por espalhar sua semente e se livrar daquelas criaturas do que pelo prazer em si.

Estava levemente ciente, conforme executava a tarefa, de que devia ser uma visão digna de pena: um cego num quarto vazio, excitado por um sonho. Mas o orgasmo sem alegria fracassou em sequer desacelerar a impiedosa demonstração. Houve um espasmo de dor quando ele atingiu o chão, mas a resposta foi varrida antes da chegada de outra onda de memórias.

Ele rolou de costas e gritou; gritou e implorou para que aquilo acabasse, mas as sensações só aumentavam, elevadas a novas alturas a cada prece que ele fazia para que cessassem.

As súplicas se tornaram um só som, palavras e sentidos eclipsados pelo pânico. Parecia não haver fim para aquilo, senão a loucura. Nenhuma esperança, senão perder a esperança.

Ao que formulou este último e desesperado pensamento, o tormento cessou.

Tudo de uma vez; todo ele. Se foi. Visão, som, tato, odor, paladar. Ele se viu, abruptamente, privado de todos. Então, houve segundos em que duvidou da própria existência. Duas batidas do coração, três, quatro.

Na quinta, ele abriu os olhos. O quarto estava vazio, as pombas e o pote com o mijo haviam sumido. A porta estava fechada.

Ele se sentou com cautela. Seus lábios formigavam; a cabeça, punhos e bexiga doíam.

Então, um movimento do outro lado do quarto chamou sua atenção.

Onde poucos momentos antes havia um espaço vazio, agora ele via uma figura. Era o quarto Cenobita, aquele que não tinha falado nem mostrado o rosto. Agora, Frank percebia que *ele* era *ela.* O capuz que vestia fora descartado, assim como as vestes. A mulher por baixo delas era acinzentada, contudo, reluzente; os lábios vermelhos como sangue, as pernas separadas de modo que a elaborada escarificação do púbis ficasse à mostra. Ela estava sentada sobre uma pilha de cabeças humanas apodrecidas e sorriu, dando boas-vindas.

O choque de sensualidade e morte o consternou. Teria ele alguma dúvida de que ela havia, pessoalmente, despachado aquelas vítimas? A podridão delas estava sob as unhas da criatura, e as línguas — vinte ou mais — estavam dispostas em grupos sobre suas coxas untadas, como se aguardassem entrar. Ele também não duvidou de que os cérebros que agora escorriam pelos ouvidos e narinas tinham sido levados à insanidade antes que um golpe ou um beijo tivesse parado o coração.

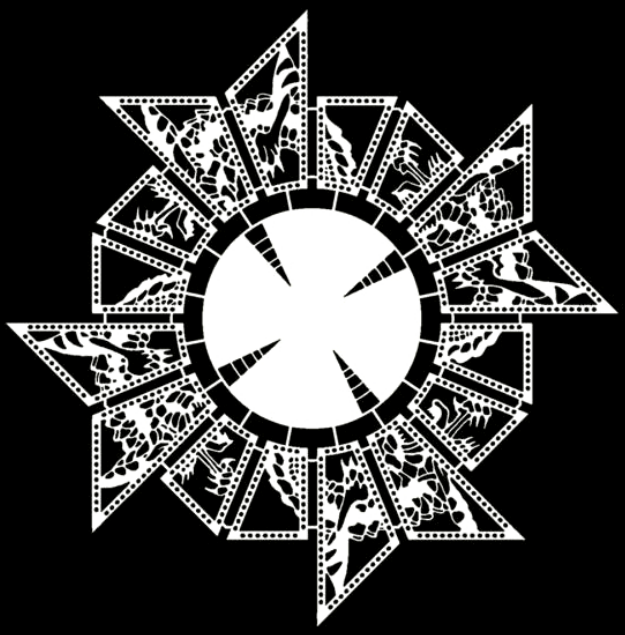
Kircher tinha mentido — ou isso ou ele também fora horrivelmente enganado. Não havia prazer no ar; ou pelo menos, não como a humanidade o entendia.

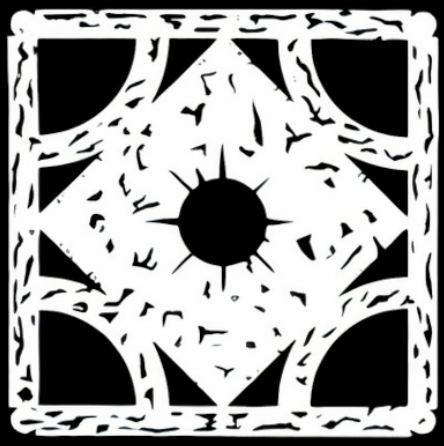
Ele cometera um erro ao abrir a caixa de Lemarchand. Um erro terrível.

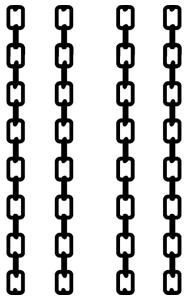
— Oh, então você parou de sonhar? — perguntou a Cenobita, estudando-o, ao que ele permanecia ofegante sobre as tábuas nuas. — Bom.

Ela se levantou. As línguas caíram no chão como uma chuva de vermes.

— Agora podemos começar — ela disse.







II

— Não é bem o que eu esperava — Julia comentou enquanto eles permaneciam de pé na entrada. Era fim de tarde, um dia frio de agosto. Uma hora nada ideal para ver uma casa que ficara vazia por tanto tempo.

— Precisa de reparos — disse Rory. — Só isso. Ela não é tocada desde a morte da minha avó, há três anos. E tenho certeza de que, perto do fim da vida, vovó não fez nenhuma melhoria.

— E ela é sua?

— Minha e de Frank. Foi deixada pra nós dois. Mas quando foi a última vez que alguém viu meu irmão mais velho?

Ela deu de ombros, como se não pudesse se lembrar, muito embora se recordasse bem. Uma semana antes do casamento.

— Alguém disse que ele passou alguns dias aqui no verão passado. Sem dúvida, fazendo alguma estupidez. Mas, então, sumiu de novo. Ele não tem interesse na propriedade.

— Mas e se a gente se mudar e, então, ele aparecer de novo, querendo o que é dele?

— Eu compro a parte dele. Consigo um empréstimo no banco e compro. Ele não resiste a dinheiro.

Ela assentiu, mas não parecia convencida.

— Não se preocupe — Rory disse e foi até ela, envolvendo-a com os braços. — O lugar é nosso, querida. Podemos pintá-lo, colocar papel de parede e deixá-lo parecido com o Paraíso.

Ele examinou o rosto dela. Às vezes, particularmente quando ela estava em dúvida como agora — sua beleza chegava perto de assustá-lo.

— Confie em mim — ele emendou.

— Eu confio.

— Tudo bem, então. Que tal começarmos a mudança no domingo?

2

Domingo.

Ainda era o Dia do Senhor ali no fim da cidade. Ainda que os donos daquelas casas bem-acabadas e pais de crianças bem-vestidas não fossem mais crentes, continuavam observando o sabá. Algumas cortinas foram contorcidas para o lado quando a van de Lewton encostou e começou a descarregar; alguns vizinhos curiosos até passaram na frente da casa uma ou duas vezes, sob o pretexto de passearem com os cachorros; mas ninguém falou com os recém-chegados, nem muito menos ofereceu ajuda com a mudança. O domingo não era um dia para se esforçar.

Julia cuidava de desempacotar, enquanto Rory organizava o descarregamento da van, com Lewton e Bob Louco provindo uns músculos a mais. Foi preciso quatro viagens para transferir o grosso das coisas da Alexandra Road e, no final do dia, ainda havia um bom

montante de coisas deixadas para trás, para ser apanhado em algum momento.

Por volta das duas da tarde, Kirsty apareceu no degrau da porta.

— Vim ver se precisam de uma mão — ela disse com um tom vago de desculpas na voz.

— Bem, é melhor entrar — respondeu Julia. Ela voltou para a sala, que estava um campo de batalhas onde o único vencedor era o caos e, em silêncio, amaldiçoou Rory. Sem dúvida convidar a alma perdida para oferecer seus serviços era coisa dele. Ela seria mais um entrave do que uma ajuda; o constante comportamento devaneador e derrotista dela fazia Julia crispar os dentes.

— O que posso fazer? — Kirsty perguntou. — Rory disse…

— Sim — cortou Julia. — Estou certa de que ele disse.

— Cadê ele? O Rory, digo.

— Foi buscar mais um carregamento na van para aumentar minha miséria.

— Ah.

Julia atenuou a expressão:

— Sabe, é muita gentileza sua vir ajudar assim, mas acho que não há muito que possa fazer no momento.

Kirsty corou levemente. Podia ser devaneadora, mas não era estúpida.

— Entendo — ela respondeu. — Tem certeza? Não posso… quero dizer… eu poderia fazer uma xícara de café pra você?

— Café — disse Julia. O pensamento a fez perceber o quanto sua garganta estava seca. — Sim. Não é uma má ideia.

Passar o café não foi uma ação isenta de pequenos traumas. Nenhuma tarefa que Kirsty assumisse era inteiramente simples. Ela ficou na cozinha, fervendo água numa panela que levara quinze minutos para

encontrar, pensando que talvez não devesse ter vindo. Julia sempre olhava para ela de modo estranho, como se levemente perplexa pelo fato de que ela não tinha sido sufocada quando nasceu. Mas tudo bem. *Rory* tinha pedido para ela vir, não? E isso já era convite suficiente. Kirsty não teria recusado a chance de ver o sorriso dele nem por cem Julias.

A van chegou vinte e cinco minutos depois, minutos em que as mulheres tentaram duas vezes — e falharam duas vezes — entabular uma conversação. Elas tinham pouco em comum. Julia, a doce, a bela, a vencedora de olhadelas e beijos, e Kirsty, a garota com um aperto de mão mole, cujos olhos só brilhavam como os de Julia antes ou depois de chorar. Há muito tempo, ela decidira que a vida era injusta. Mas por quê, uma vez que aceitara aquela verdade amarga, as circunstâncias insistiam em esfregar isso na sua cara?

Ela observava furtivamente Julia trabalhar e, para Kirsty, parecia que a mulher era incapaz de ser feia. Cada gesto — um cacho de cabelos tirado da frente dos olhos com as costas da mão, pó soprado de uma xícara favorita — vinha imbuído de uma graça sem esforço. Ao ver aquilo, ela compreendeu a adulação quase canina de Rory e, ao compreendê-lo, voltou a se desesperar.

Enfim, ele entrou, suado e olhando de soslaio. O Sol da tarde estava feroz. Ele sorriu para ela, desfilando a sua linha dianteira de dentes irregulares que ela achara tão irresistível da primeira vez.

— Que bom que veio — ele falou.

— Fico feliz em ajudar — ela respondeu, mas ele já tinha olhado para o lado, para Julia.

— Como está indo?

— Bom, eu tô ficando maluca — ela lhe disse.

— Certo. Mas agora pode descansar do trabalho — ele observou. — Trouxemos a cama nesta viagem.

Rory lançou uma piscadela conspiratória, mas ela não respondeu.

— Posso ajudar a descarregar — ofereceu-se Kirsty.

— Lewton e B.L. estão cuidando disso — foi a resposta de Rory.

— Ah.

— Mas eu daria um braço e uma perna por uma xícara de chá.

— Ainda não achamos o chá — Julia contou a ele.

— Ah. Então, talvez café?

— Certo — disse Kirsty. — E para os outros dois?

— Eles matariam por uma xícara.

Kirsty voltou para a cozinha, encheu a pequena panela quase até a boca e a recolocou no fogão. Escutou Rory supervisionar da entrada o descarregamento seguinte.

Era a cama, a cama nupcial. Embora ela tenha tentado bastante tirar da mente o pensamento dele abraçando Julia, não conseguiu. Enquanto olhava para a água, e esta borbulhou, vaporou e, enfim, ferveu, as mesmas imagens dolorosas do prazer deles voltavam à ela.

3

Enquanto o trio estava fora, reunindo a quarta e última remessa do dia, Julia perdeu a paciência com o desempacotamento. Era um desastre; tudo tinha sido dividido e colocado em caixas de chá na ordem errada. Ela precisava desenterrar itens totalmente inúteis para conseguir acessar as necessidades básicas.

Kirsty manteve o silêncio e seu lugar na cozinha, lavando as xícaras sujas.

Praguejando em voz alta, Julia deixou o caos e foi fumar um cigarro no degrau dianteiro. Ela se inclinou

contra a porta aberta e respirou o ar dourado pelo pólen. Embora fosse ainda dia 21 de agosto, a tarde já estava tingida de um aroma enfumaçado que anunciava o outono.

Ela não percebera o quão rápido o dia havia passado, pois, enquanto estava ali parada, um sino anunciou a missa da tarde: o som de carrilhões subindo e descendo em ondas preguiçosas. O som era tranquilizador. Ele a fez pensar na infância, embora não em nenhum dia ou local dos quais recordasse em particular. Apenas de ser jovem, do mistério.

Fazia quatro anos desde a última vez em que entrara numa igreja: na verdade, o dia em que casou com Rory. Pensar naquele dia — ou melhor, na promessa que ele falhara em cumprir — amargou o momento. Ela deixou o degrau, os carrilhões em pleno andamento, e voltou para dentro de casa. Após o toque revigorador do Sol em seu rosto, o interior parecia lúgubre. De repente, ela sentiu-se cansada, quase a ponto de chorar.

Eles teriam de montar a cama antes que pudessem deitar a cabeça para dormir e ainda era preciso decidir qual cômodo seria usado como quarto de casal. Ela resolveu que faria aquilo agora e, assim, evitou voltar para a sala da frente e para a sempre chorosa Kirsty.

O sino ainda estava tocando quando ela abriu a porta do quarto da frente, no segundo andar. Era o maior dos três cômodos superiores — uma escolha natural — mas o Sol não tinha entrado nele hoje (ou em qualquer dia do verão) porque as persianas estavam fechadas. Por conseguinte, o cômodo estava mais frio do que qualquer outro da casa; o ar, estagnado. Ela atravessou o assoalho manchado e foi até a janela, pretendendo remover a persiana.

No peitoril, uma coisa estranha. A persiana tinha sido *pregada* à moldura da janela, cortando com eficiência a mínima intrusão de vida vinda da rua iluminada lá fora.

Ela tentou livrar o material, mas fracassou. Quem quer que tenha feito aquilo, trabalhara direito.

Não importava; ela pediria que Rory apanhasse um martelo para remover os pregos quando ele voltasse. Julia afastou-se da janela e, ao fazê-lo, percebeu súbita e forçosamente que o sino ainda convocava os fiéis. Eles não iriam naquele entardecer? O anzol não fora suficientemente abastecido com iscas que prometiam o Paraíso? O pensamento teve apenas meia-vida; murchou em segundos. Mas o sino continuava, reverberando dentro do cômodo. Os membros dela, já doloridos pela fadiga, pareciam ser tragados para baixo a cada nova badalada. A cabeça latejava de modo intolerável.

Ela concluiu que o quarto era odioso; era bolorento e suas paredes, escuras e úmidas. Apesar do tamanho, não deixaria que Rory a convencesse a usá-lo como quarto de casal. Que ele apodrecesse.

Ela começou a ir em direção à porta, mas, quando ficou a um metro dela, os cantos do cômodo pareceram ranger e a porta bateu. Os nervos de Julia chacoalharam. Foi tudo o que ela pôde fazer para impedir-se de soluçar.

Em vez disso, apenas disse:

— Pro Inferno — e segurou a maçaneta. Ela girou com facilidade (por que não o faria? Mesmo assim, se sentiu aliviada) e a porta abriu. Do corredor lá embaixo, veio um respingo de calor e luz ocre.

Ela fechou a porta atrás de si e, com uma satisfação estranha cuja origem não podia ou não queria penetrar, girou a chave na fechadura.

Assim que o fez, o sino parou.

4

— Mas é o maior dos quartos…

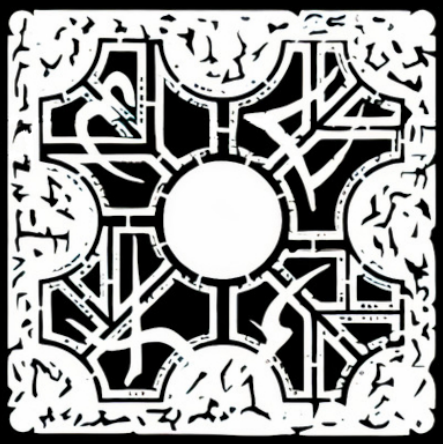
— Eu não gosto dele, Rory. É úmido. Podemos usar o quarto de trás.

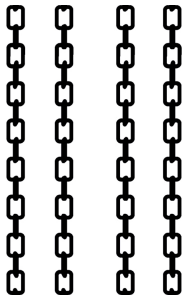
— Se conseguirmos fazer a maldita cama passar pela porta.

— Claro que conseguiremos. Você vai ver.

— Parece desperdício de um bom quarto — ele protestou, sabendo muito bem que se tratava de uma tentativa fracassada.

— Mamãe sabe o que faz — ela disse a ele e sorriu com olhos cujo brilho estava longe de ser maternal.





III

1

As estações ansiavam umas pelas outras, como homens e mulheres, para que elas pudessem ser curadas dos seus excessos.

Se a primavera se estender mais de uma semana além do período, começa a ansiar que o verão acabe com os dias de promessa perpétua. O verão, por sua vez, logo começa a suar por algo que aplaque seu calor e o mais sazonal dos outonos se cansará do requinte e suplicará por um frio rápido e congelante que mate sua fecundidade.

Até o inverno — a estação mais dura e implacável — com a aproximação de fevereiro, sonha com a chama que o derreterá. Tudo fadiga com o tempo e começa a buscar alguma oposição para salvar-se de si próprio.

Então, agosto cedeu lugar a setembro e houve poucas queixas e reclamações.

2

Com trabalho, a casa na Lodovico Street começou a parecer mais hospitaleira. Sempre havia visitas dos vizinhos que — após avaliarem o casal — falavam abertamente sobre o quanto estavam felizes pelo número 55 voltar a ser ocupado. Somente um deles fez menção a Frank, referindo-se sobre a passagem do estranho rapaz que vivera na casa durante algumas semanas no verão anterior. Houve um momento de embaraço quando Rory revelou que o inquilino era seu irmão, mas Julia, cujo poder de encantar não tinha limites, logo maquiou a situação.

Rory raramente mencionara Frank durante seus anos de casado com Julia, embora ele e o irmão tivessem uma diferença de apenas dezoito meses de idade e, quando crianças, tinham sido inseparáveis. Julia soube disso numa ocasião de resquícios de uma bebedeira — um ou dois meses antes da cerimônia, quando Rory falou bastante sobre Frank. Fora uma conversa melancólica. Os caminhos dos irmãos divergiram de forma considerável uma vez que eles passaram a adolescência, algo de que Rory se arrependia. Mas ele se arrependia ainda mais da dor que o estilo de vida selvagem de Frank trouxera aos seus pais. Aparentemente, quando Frank aparecia, de vez em nunca, de qualquer que fosse o canto do mundo onde estivesse desperdiçando a vida, trazia consigo somente tristeza. As narrativas de suas aventuras nos baixios da criminalidade, as conversas sobre prostitutas e trombadinhas, sempre consternavam os pais. Mas já houvera coisa pior, ou assim Rory dissera. Em seus momentos mais selvagens, Frank falava sobre uma vida vivida em delírio, sobre um apetite por experiências que não admitisse imperativos morais.

Teria sido o tom que Rory empregou, uma mistura de revulsão e inveja, que despertou tanto a curiosidade de Julia? Qualquer que fosse a razão, ela fora rapidamente

capturada por uma curiosidade insaciável sobre aquele lunático.

Então, há quase uma quinzena do casamento, a ovelha negra apareceu em carne e osso. As coisas andavam bem para ele ultimamente. Usava anéis de ouro nos dedos e a pele estava bronzeada. Havia poucos sinais do monstro que Rory tinha descrito. O irmão Frank era tão suave quanto uma pedra polida. Em poucas horas, ela havia sucumbido ao charme dele.

Um período estranho se seguiu. Conforme os dias se arrastavam em direção ao casamento, ela viu-se pensando cada vez menos no futuro marido e cada vez mais no irmão dele. Eles não eram totalmente diferentes; certa melodia cadenciada nas vozes e o comportamento agradável os marcavam como irmãos. Mas as qualidades de Rory evocavam algo que seu irmão jamais teria: um belo desespero.

Talvez, o que tenha ocorrido a seguir, fosse inevitável. E não importa o quanto ela pudesse ter combatido seus instintos, teria apenas adiado a consumação dos sentimentos de um pelo outro. Mas quando toda a autorrecriminação acabou, Julia ainda guardava como um tesouro a memória do primeiro e último encontro que tiveram.

Kirsty estava na casa, não estava?, fazendo alguma tarefa matrimonial quando Frank chegou. Mas, por meio daquela telepatia que vem com o desejo (e desaparece com ele), Julia sabia que aquele era o dia. Ela deixara Kirsty com a preparação da lista de convidados ou algo assim, e levou Frank para cima sob o pretexto de mostrar-lhe o vestido de noiva. Era como ela se lembrava do fato — que ele tinha pedido para ver o vestido — e ela vestiu o véu, rindo ao pensar em si própria de branco e, então, ele estava ao lado dela, levantando o véu e ela riu e riu, como se testasse a força do propósito dele. Contudo, ele não se deixou abrasar

pelo gracejo e nem tampouco desperdiçou tempo com as sutilezas da sedução. O exterior suave cedeu lugar a algo mais rude quase imediatamente. O coito dos dois tivera, sob todos os aspectos, exceto na aquiescência dela, toda a agressão e tristeza de um estupro.

Claro que a memória abrandou os eventos e nos quatro anos (e cinco meses) desde aquela tarde, ela repassara a cena com frequência. Agora, nas suas lembranças, os hematomas eram troféus da paixão e as lágrimas prova dos sentimentos positivos que ela nutria por ele.

No dia seguinte, Frank havia desaparecido. Fugido para Bangkok, ou para a Ilha da Páscoa, ou para outro lugar onde não tinha débitos pelos quais responder. Ela lamentou por ele, não pôde evitar. E seus lamentos não passaram despercebidos. Embora jamais tenha sido explicitamente discutido, com frequência ela se perguntava se a posterior deterioração do relacionamento com Rory não havia começado ali: com ela pensando em Frank enquanto fazia amor com seu irmão.

E agora? Agora, apesar da mudança de interior doméstico e da chance de recomeçar, parecia que os eventos conspiravam para fazê-la tornar a lembrar-se de Frank.

Não era só a fofoca dos vizinhos que o evocara. Um dia, quando estava sozinha na casa, desempacotando vários pertences pessoais, Julia encontrou vários álbuns de fotografia de Rory. Muitas eram relativamente recentes: fotografias deles dois juntos em Atenas e Malta. Mas, enterradas entre os sorrisos transparentes, estavam algumas fotografias que ela nem sequer se lembrava de já ter visto antes (será que Rory as tinha escondido?); retratos de família que remontavam décadas. Uma fotografia dos pais dele no dia do casamento, a imagem branco e preto erodida por conta

dos anos até tornar-se uma série de tons de cinza. Imagens de batizados em que padrinhos orgulhosos ninavam bebês envoltos em rendas familiares.

E também fotos dos dois irmãos juntos; quando crianças, de olhos arregalados; quando alunos, capturados pela câmera em exibições de ginástica e em concursos escolares. Então, ao que a timidez adolescente motivada pela acne assumia, o número de fotografias minguava — até que os sapos emergiam como príncipes, do outro lado da puberdade.

Ao ver Frank em cores brilhantes, fazendo palhaçadas para a câmera, ela corou. Ele fora um jovem exibicionista, sempre vestido *à la mode.* Rory, por sua vez, aparentava ser deselegante. Parecia a ela que a futura vida dos irmãos estava esboçada naqueles retratos. Frank, o camaleão sorridente e sedutor; Rory, o cidadão sólido.

Enfim, ela guardou as fotografias e descobriu, ao levantar, que com o rubor, lágrimas haviam vindo. Não de arrependimento. Não havia utilidade para aquilo. Foi a fúria que fez com que os olhos dela pinicassem. De algum modo, entre um respiro e o seguinte, Julia se perdera.

Ela também sabia, com perfeita exatidão, quando seu controle vacilara da primeira vez. Deitada na cama, com roupas de noiva, enquanto Frank assediava seu pescoço com beijos.

3

De vez em quando, ela ia até o quarto das persianas seladas. Até aquele momento, eles tinham feito pouco pela decoração do andar superior, preferindo organizar antes as áreas em comum. Portanto, o quarto

permanecera intocado. Na verdade, sem que ninguém o *adentrasse*, exceto pelas visitas ocasionais dela.

Ela não tinha certeza do motivo de ter subido, nem de como explicar o estranho conjunto de sentimentos que a assediava enquanto estava lá. Mas havia algo naquele interior escuro que a confortava; era um tipo de útero, o útero de uma morta. Às vezes, quando Rory estava trabalhando, ela apenas se deixava ir escada acima e se sentava na quietude, sem pensar em nada; ao menos, em nada que pudesse traduzir em palavras.

Essas breves visitas a faziam sentir-se estranhamente culpada e ela tentava ficar longe do quarto quando Rory estava por perto. Mas nem sempre era possível. Às vezes, os pés dela a levavam até lá sem serem instruídos para tanto.

Foi o que aconteceu naquele sábado, o dia do sangue.

Ela estava observando Rory trabalhar na porta da cozinha, cinzelando várias camadas de tinta das dobradiças, quando teve a impressão de escutar o quarto chamá-la. Satisfeita por ele estar totalmente compenetrado na tarefa, Julia subiu.

Estava mais frio que de costume e ela ficou feliz por isso. Pôs sua mão na parede e, então, transferiu a palma resfriada para a testa.

— Não adianta — murmurou para si própria, visualizando o homem lá embaixo, trabalhando. Ela não o amava; não mais do que ele, por debaixo da paixão que sentia pela aparência dela, a amava. Ele cinzelava em um mundo só seu; ela sofria ali, bem distante dele.

Uma rajada de vento apanhou a porta dos fundos lá embaixo. Ela a escutou bater.

O som fez com que Rory perdesse a concentração. O cinzel pulou de seu sulco e cortou profundamente o dedão da mão esquerda. Ele gritou quando um jorro colorido saiu. O cinzel caiu no chão.

— *Inferno maldito!*

Ela escutou, mas não fez nada. Ela saiu tarde demais de seu estupor melancólico para perceber que ele estava subindo. Tateando em busca da chave e por uma desculpa para estar dentro do quarto, Julia se levantou, mas ele já estava à porta, passando pela soleira na direção dela; a mão direita apertando de forma inepta a esquerda. Sangue saía em abundância. Ele transbordava por entre os dedos e escorria pelo braço, pingando do cotovelo, somando mancha após mancha às tábuas nuas.

— O que você fez? — ela perguntou.

— O que parece? — ele disse com os dentes crispados. — Eu me cortei.

Seu rosto e o pescoço estavam da cor de massa de vidro de janela. Ela já o vira daquela maneira antes; certa vez, ele desmaiara diante da visão do próprio sangue.

— Faça alguma coisa — ele disse, enjoado.

— É fundo?

— Não sei! — ele gritou para ela — Não quero olhar.

Ela pensou que ele estava ridículo, mas não era hora de dar vazão ao desprezo que sentia. Em vez disso, tomou a mão ensanguentada dele na sua e, enquanto ele olhava para o lado, pressionou o corte na palma. Era bem grande e ainda sangrava profusamente. Sangue profundo, sangue negro.

— Acho melhor levá-lo para o hospital — ela disse.

— Você pode cobrir? — ele pediu, com a voz despida de raiva agora.

— Claro. Vou pegar bandagens limpas. Venha…

— Não — ele respondeu, balançando o rosto pálido — se der um passo, acho que vou desmaiar.

— Fica aqui então — ela o acalmou — Você vai ficar bem.

Sem encontrar bandagens no armário do banheiro que fossem do tamanho do corte, ela apanhou alguns lenços limpos na gaveta dele e voltou para o quarto.

Rory estava inclinado contra a parede agora, a pele brilhando pelo suor. Ele estava ensopado pelo sangue que havia derramado; dava para sentir o cheiro no ar.

Mesmo assim, reafirmando ao marido que ele não morreria por causa de um corte de cinco centímetros, Julia embalou a mão dele com um lenço, amarrou com outro e, a seguir, levou-o tremendo como uma folha escadaria abaixo (degrau por degrau, como uma criança) e direto para o carro.

No hospital, eles esperaram uma hora na fila dos ferimentos leves, antes que ele fosse finalmente visto e costurado. Para ela, em retrospecto, era difícil saber o que fora mais cômico naquele episódio: a fraqueza do marido ou sua extravagância ao pedir desculpas posteriormente. Quando ele ficou todo exagerado, ela lhe disse que não queria pedidos de agradecimento — e era verdade.

Ela não queria nada que ele pudesse oferecer a ela, exceto, talvez, sua ausência.

4

— Você limpou o chão do quarto úmido? — ela perguntou a ele no dia seguinte. Eles o chamavam de quarto úmido desde aquele primeiro domingo, embora do teto ao chão, não houvesse sinal de infiltração.

Rory desviou o olhar da sua revista. Olheiras estavam penduradas sob seus olhos. Ele não dormira bem. Um dedo cortado e ele tivera pesadelos de mortalidade. Ela, por outro lado, dormira como um bebê.

— O que você disse? — ele perguntou à esposa.

— O chão... — ela repetiu. — Havia sangue no chão. Você limpou?

Ele balançou a cabeça.

— Não — disse, antes de voltar para a revista.

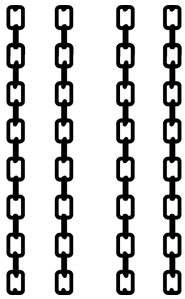
— Bem, eu também não — ela falou.

Ele ofereceu um sorriso indulgente a ela.

— Você é uma dona de casa tão perfeita — disse. — Não sabe nem quando faz as coisas.

O assunto encerrou ali. Aparentemente, ele ficou contente de acreditar que a esposa estava, aos poucos, perdendo a sanidade.

Ela, por outro lado, teve a estranha sensação de que estava prestes a reencontrá-la.



IV

I

Kirsty odiava festas. Os sorrisos para disfarçar o pânico, os olhares para serem interpretados e, o pior, as conversas. Ela não tinha nada a dizer sobre o menor dos interesses ao mundo, disso ela estava convencida. Ela já tinha visto muitos olhos revirarem para pensar o oposto, visto cada recurso conhecido pelo homem para livrar-se da companhia dos tolos, desde “Com licença, acredito que vi meu contador”, até gente desmaiar bêbada aos seus pés.

Mas Rory insistira que ela fosse à festa de inauguração do lar. Só alguns amigos próximos, ele havia prometido. Ela disse que sim, sabendo muito bem qual cenário adviria da recusa. Ficar deprimida em casa numa labuta de autor recriminação, amaldiçoando a própria covardia e pensando no rosto doce de Rory.

No final das contas, a reunião não foi um tormento tão grande. Havia apenas nove convidados no total, todos a quem ela conhecia vagamente, o que facilitou tudo. Eles não esperavam que ela iluminasse a sala, somente que acenasse com a cabeça e risse quando apropriado. E Rory — a mão ainda enfaixada — estava

no máximo da sua cordialidade inocente. Ela até se perguntou se Neville — um dos colegas de trabalho de Rory — não a estava paquerando por detrás dos óculos, uma suspeita que foi confirmada no meio da noite, quando ele foi até o lado dela e perguntou se ela tinha algum interesse na criação de gatos. Kirsty disse a ele que não tinha, mas sempre estava interessada em experiências novas. Ele pareceu encantado e, sob este pretexto frágil, passou a oferecer licores para ela pelo resto da noite. Por volta das onze e meia, ela estava um desastre de bêbada, mas feliz, incitada a ter dolorosos acessos de risos pela observação mais casual.

Pouco depois da meia-noite, Julia disse que estava cansada e que queria ir para a cama. A declaração foi compreendida como uma deixa geral para dispersão, mas Rory não quis saber. Ele estava de pé enchendo copos antes que qualquer um tivesse chance de protestar. Kirsty teve certeza de ter captado um olhar de reprovação cruzando o rosto de Julia, mas então ele passou e a fronte dela tornou a ficar imaculada. Ela deu boa noite, recebeu profundos elogios por sua habilidade com fígado de vitela, e foi para a cama.

A perfeição do belo era uma perfeição feliz, não? Para Kirsty, isso sempre pareceu evidente. Mas, naquela noite, o álcool a fez se perguntar se a inveja não a tinha deixado cega. Talvez a perfeição fosse só mais um tipo de tristeza.

Mas a cabeça rodando dela não conseguia se ater a tais ruminações e, no minuto seguinte, Rory estava de pé, contando uma piada sobre um gorila e um jesuíta que a fez engasgar com seu drinque antes mesmo que ele chegasse ao ápice.

Lá em cima, Julia escutou o acesso de gargalhadas. Ela estava mesmo cansada conforme dissera, mas não fora cozinhar que a deixara exausta. Foi o esforço de suprimir seu desprezo pelos malditos idiotas que

estavam reunidos na sala lá embaixo. Ela já os chamara de amigos, aqueles débeis mentais, com suas piadas pobres e pretensões mais pobres ainda. Ela cooperara com eles durante muitas horas, mas agora já bastava. Agora, ela precisava de um lugar mais fresco, de um pouco de trevas.

Assim que abriu a porta do quarto úmido, soube que as coisas não estavam como de costume. A luz da lâmpada no patamar iluminava as tábuas onde o sangue de Rory caíra, agora tão limpas que poderiam ter sido esfregadas. Além do alcance da luz, a sala estava mergulhada na escuridão. Ela entrou e fechou a porta. A tranca estalou ao entrar no lugar atrás dela.

A escuridão era quase perfeita e Julia sentiu-se contente dentro dela. Seus olhos descansaram contra a noite, suas superfícies relaxaram.

Então, da extremidade oposta do cômodo, ela escutou algo, um ruído.

Não foi mais alto do que o som de uma barata correndo atrás dos rodapés. Após segundos, ele parou. Ela prendeu a respiração. O som recomeçou. Desta vez, parecia que havia algum padrão; um código primitivo.

Lá embaixo, eles riam como tratantes. O barulho despertava desespero dentro dela. O que ela não faria para ser libertada de tal companhia?

Ela engoliu em seco e falou para as trevas:

— Eu ouvi você — disse, incerta do motivo de as palavras terem surgido ou a quem eram endereçadas.

A ranhura da barata cessou por um momento, mas logo recomeçou com maior urgência. Ela afastou-se da porta e foi na direção dos ruídos. Eles prosseguiam como se estivessem convocando-a.

Era fácil se equivocar no escuro e ela chegou à parede antes do que esperava. Erguendo as mãos, começou a correr as palmas sobre o gesso pintado. A superfície não era uniformemente fria. Havia um ponto

— ela julgou-o como estando a meio caminho entre a porta e a janela — onde o gelado se tornava tão intenso que ela teve de romper contato. A barata parou de arranhar.

Houve um momento em que ela nadou nas trevas e no silêncio, completamente desorientada. Então, algo se moveu na frente dela. Um truque de sua imaginação, ela supôs, pois só havia a luz dela ali. Mas, a seguir, um espetáculo desnudou para ela o erro de tal suposição.

A parede estava iluminada, ou melhor, algo atrás dela queimava com luminescência tão fria que fez com que os tijolos sólidos parecessem algo sem substância. *Mais que isso;* a parede parecia estar vindo abaixo, segmentos dela se movendo e deslocando, como adereços de um mágico, painéis lubrificados cedendo lugar a caixas ocultas cujas laterais, por sua vez, colapsavam para revelar algum local oculto. Ela observou fixamente, sem nem ousar piscar, com medo de perder algum detalhe daquela extraordinária prestidigitação, enquanto peças do mundo se separavam bem diante dos seus olhos.

Então, subitamente, em algum lugar daquele cada vez mais elaborado sistema de fragmentos deslizantes, ela viu (ou, novamente, *achou* ter visto) movimento. Somente agora percebera que estava prendendo a respiração desde que a exibição começara e que começara a ficar sem ar. Ela tentou esvaziar os pulmões do ar estagnado e respirar uma lufada de ar fresco, mas seu corpo não obedeceu àquela simples instrução.

Em algum lugar em suas entranhas, um tique de pânico começou. A mágica havia cessado agora, deixando uma parte dela admirando sem qualquer paixão a música tilintante que vinha da parede, e a outra parte combatendo o medo que crescia em sua garganta, passo a passo.

Mais uma vez Julia tentou respirar, mas foi como se seu corpo tivesse morrido e ela estivesse encarando-o

pelo lado de fora, incapaz de respirar, piscar ou engolir.

O espetáculo da parede se desdobrando tinha cessado totalmente e ela viu uma cintilação entre os tijolos, irregular o bastante para ser uma sombra, mas demasiado substancial.

Ela viu que era humano, ou que havia sido. Mas o corpo tinha sido feito em pedaços e recosturado com a maior parte das peças faltando ou retorcidas e enegrecidas, como se estivessem em um forno. Havia um olho encarando-a e a progressão de uma espinha, mas a vértebra estava despida de músculos, com alguns poucos fragmentos reconhecíveis da anatomia. E era isso. Que algo assim estivesse vivo era um fato que empobrecia a razão — a pouca carne que possuía estava irremediavelmente corrupta. Contudo, ali estava, viva. O olho, apesar da podridão em que jazia enraizado, examinou cada centímetro dela, de cima a baixo.

Ela não teve medo em sua presença. Aquela coisa era de longe mais fraca do que ela. Moveu-se um pouco em seu cubículo, buscando um mínimo de conforto. Mas não havia nenhum a ser oferecido, não para uma criatura que vestia os nervos em frangalhos como uma luva ensanguentada. Qualquer lugar em que pusesse o corpo trazia dor; isso Julia soube indiscutivelmente. Ela teve dó da coisa. E, com a dó, veio a libertação. Seu corpo expeliu o ar estagnado e respirou a vida. O cérebro faminto de oxigênio titubeou.

No momento em que fez isso, a coisa falou, um buraco se abriu na bola esfolada que era a cabeça do monstro e emitiu uma única palavra casual.

A palavra foi:

— Julia.

Kirsty tirou os óculos e tentou se levantar.

— Onde você tá indo? — perguntou Neville.

— Onde você acha? — ela respondeu, tentando impedir conscientemente que as palavras embolassem.

— Precisa de ajuda? — inquiriu Rory. O álcool deixara suas pálpebras preguiçosas e o sorriso ainda mais preguiçoso.

— Sou treinada pra fazer xixi no lugar certo — ela respondeu e seu contra-ataque foi recebido com risadas por todos. Ela estava satisfeita consigo própria; improviso não era o seu forte. Ela cambaleou até a porta.

— É o ultimo cômodo à direita, no final do corredor — Rory a informou.

— Eu sei — ela disse e saiu da sala.

Ela não costumava curtir a sensação de bebedeira, mas, naquela noite, estava se deleitando. Ela sentia os membros moles e o coração leve. Podia muito bem se arrepender daquilo no dia seguinte, mas o dia seguinte teria de cuidar de si mesmo, pois naquela noite, ela estava voando.

Foi até o banheiro, aliviou a bexiga dolorida e a seguir jogou um pouco de água no rosto. Feito isso, começou a jornada de volta.

Tinha dado três passos, quando percebeu que alguém apagara a luz do corredor enquanto ela estava no banheiro e que essa mesma pessoa estava, agora, a poucos metros de distância. Kirsty parou.

— Olá — ela disse. Será que o criador de gatos a tinha seguido até o andar de cima, na esperança de provar que ele não era castrado?

— É você? — ela perguntou, apenas brevemente ciente de que aquela era uma linha infrutífera de interrogatório.

Não houve resposta e Kirsty começou a se sentir um pouco desconfortável.

— Qual é? — falou, tentando um comportamento jocoso, na esperança de mascarar a ansiedade. — Quem é?

— Eu — respondeu Julia. Sua voz estava estranha. Gutural, talvez chorosa.

— Você está bem? — perguntou Kirsty. Ela gostaria de poder ver o rosto de Julia.

— Sim — foi a resposta. — Por que não estaria? — Num espaço de cinco palavras, a atriz dentro de Julia assumiu o controle. A voz se atenuou, o tom ficou mais leve.

— Só estou cansada... — prosseguiu. — Parece que vocês tão se divertindo lá embaixo.

— A gente não tá deixando você dormir?

— Meu Deus, não — a voz bradou. — Eu só estava indo ao banheiro. — Uma pausa; então — Volta lá pra baixo e se divirta.

Com esta deixa, Kirsty andou na direção dela ao longo do corredor. No último momento possível, Julia saiu da frente, evitando o mínimo contato físico.

— Durma bem — Kirsty disse, do topo das escadas.

Mas não houve resposta vinda da sombra no corredor.

3

Julia não dormiu bem. Não naquela noite nem em nenhuma outra que veio depois.

O que ela vira no quarto úmido, o que escutara e, finalmente, *sentira*, bastava para deixá-la insone para sempre — ou foi o que ela passou a acreditar.

Ele estava ali. O irmão Frank estava ali, dentro da casa — e estivera ali o tempo todo. Afastado do mundo onde ela vivia e respirava, mas próximo o bastante para fazer aquele contato frágil e lamentável que tiveram. Ela não tinha a menor pista dos porquês e portantos; o

detrito humano dentro da parede não tivera força nem tempo de articular sua condição.

Tudo o que disse antes que a parede voltasse a fechar e aqueles restos voltassem a ser encerrados por tijolo e gesso, foi "*Julia*", então, simplesmente, "*É Frank*" — e, bem perto do fim, a palavra "*Sangue*".

Então, ele se foi completamente e as pernas dela cederam. Ela meio caiu, meio cambaleou, recostando-se à parede oposta. Quando conseguiu recuperar o juízo, não havia mais luz misteriosa, nenhuma figura encasulada nos tijolos. A posse da realidade voltara a ser absoluta.

Talvez não *tão* absoluta. Frank ainda estava ali, no quarto úmido. Daquilo, ela não tinha dúvidas. Ele podia estar fora de vista, mas não fora da mente. Ele estava, de algum modo, aprisionado entre a esfera que ela ocupava e outro lugar; um lugar de sinos e trevas conturbadas. Ele tinha morrido? Era isso? Perecido no quarto vazio no verão anterior e, agora, aguardava um exorcismo? Se fosse isso, o que fora feito de seus restos mortais? Somente novos contatos com o próprio Frank, ou seus restos, trariam alguma explicação.

Quanto aos meios que ela poderia trazer força à alma perdida, Julia não tinha dúvidas. Ele dera a ela a solução com clareza.

"*Sangue*", dissera. As sílabas foram pronunciadas não de forma acusadora, mas como um imperativo.

Rory sangrara no chão do quarto úmido; os borrifos tinham desaparecido posteriormente. De alguma maneira, o fantasma de Frank — se é que era aquilo — foi alimentado pelo derrame do irmão, obtendo, portanto, nutrição suficiente para sair da sua cela e fazer aquele contato vacilante. O que mais poderia ser obtido se o suprimento fosse maior?

Ela pensou no abraço de Frank, sua brutalidade, sua rispidez, na insistência que ele exercera sobre ela. O que

ela não daria para ter aquela insistência de novo? Talvez fosse possível. E, se fosse — se ela pudesse dar a ele a sustância necessária — ele não se mostraria grato? Não seria o animalzinho dela, dócil ou brutal, conforme ela desejasse? O pensamento afastou o torpor. Levou consigo a sanidade e a tristeza. Se deu conta de que estivera apaixonada todo aquele tempo e enlutada por ele. Se sangue era preciso para trazê-lo de volta à ela, então sangue ela daria, sem pensar duas vezes nas consequências.

Nos dias seguintes, Julia reencontrou seu sorriso. Rory tomara a mudança de humor como sinal de que ela estava feliz na casa nova. O bom humor da esposa despertava o mesmo nele. Ele retomou a decoração com deleite renovado.

Ele disse que em breve começaria a trabalhar no segundo andar. Eles localizariam a fonte de umidade no cômodo grande e o transformariam num quarto apropriado para sua princesa. Ela beijou o rosto do marido quando ele falou isso, mas disse que não estava com pressa e que o quarto que ocupavam era mais do que adequado. A conversa sobre o cômodo o fez pegar a esposa pelo pescoço e puxá-la para próximo de si, suspirando obscenidades infantis no ouvido dela. Ela não o recusou e subiu com ele mansamente, deixou que ele a despisse como gostava de fazer, desabotoando-a com os dedos manchados de tinta. Ela fingiu que a cerimônia a havia excitado, embora isso estivesse longe de ser verdade.

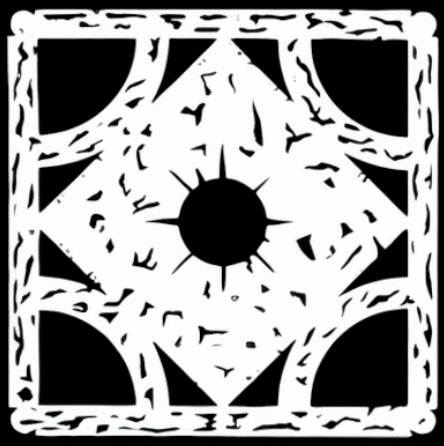
A única coisa que despertou um mínimo apetite nela enquanto estava deitada na cama barulhenta com o volume dele entre suas pernas, foi fechar os olhos e imaginar Frank como ele costumava ser.

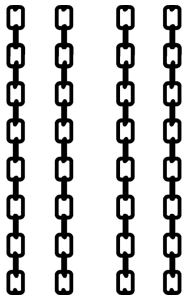
Mais de uma vez o nome dele ascendeu aos lábios dela; a cada ocasião, ela o engoliu. Enfim, abriu seus olhos para lembrar a si própria da verdade fastidiosa.

Rory decorava o rosto dela com beijos. As bochechas dela estremeciam ao toque dele.

Julia percebeu que não conseguiria suportar aquilo por muito tempo. Era um esforço grande demais bancar a esposa submissa; seu coração explodiria.

Assim, deitada sob ele enquanto a brisa de setembro tocava seu rosto vinda da janela aberta, ela começou a planejar como obteria o sangue.





V

Às vezes, parecia que eras haviam se passado enquanto ele estava dentro da parede, eras que, mais tarde, alguma pista revelava como tendo sido apenas algumas horas ou minutos.

Mas agora, as coisas tinham mudado; ele tinha uma chance de *escapar.* Seu espírito se elevava ante o pensamento. Era uma chance fraca, ele não se enganava quanto a isso. Havia muitos motivos pelos quais seus melhores esforços poderiam fracassar. Julia era um. Ele se lembrava dela como uma mulher banal e envaidecida, cuja criação havia refreado a paixão. Ele a tornara selvagem, claro. Lembrava-se do dia, entre milhares de vezes em que fizera aquele ato, com certa satisfação. Ela resistira não mais do que o necessário para a própria vaidade; então, sucumbiu com um fervor tal que quase o fizera perder controle de si mesmo.

Sob outras circunstâncias, Frank poderia tê-la arrancado debaixo do nariz do aspirante a marido, mas a política fraternal o aconselhou a não fazê-lo. Em uma ou duas semanas ele teria se cansado dela e ficaria não só com uma mulher cujo corpo se tornaria desagradável para si, como também com um irmão vingativo em seus calcanhares. Não valia a pena o aborrecimento.

Além disso, havia novos mundos a conquistar. No dia seguinte, ele partiu para o Oriente: para Hong Kong e Sri Lanka, para a riqueza e aventura. E ele as teve. Ao menos por um tempo. Mas tudo escorria por entre seus dedos cedo ou tarde e, com o tempo, ele começou a se perguntar se eram as circunstâncias que lhe negavam manter seus ganhos ou se ele simplesmente não se importava o suficiente para conservar o que ganhava. A série de pensamentos, uma vez iniciado, desembestava. Em todos os lugares, nas ruínas que o cercavam, ele encontrava evidências que apoiavam a mesma tese amarga: que ele não encontrara nada na vida — nenhuma pessoa, nenhum estado mental ou corporal — que quisesse o bastante para sofrer nem mesmo o menor desconforto por ele.

Um espiral descendente se iniciou. Frank passou três meses numa onda de depressão e autopiedade que beirava o suicídio. Mas até mesmo aquela solução lhe foi negada pelo recém-encontrado niilismo. Se não havia nada pelo que valesse a pena viver, então também não valia nada pelo que valesse a pena morrer. Ele cambaleava de uma esterilidade para a seguinte, até que todos os pensamentos estivessem apodrecidos por qualquer que fosse o ópio que suas imoralidades lhe obtivessem.

Como ouvira falar da caixa de Lemarchand? Ele não se lembrava. Talvez num bar ou numa sarjeta, dos lábios de algum colega desamparado. Na época, era só um rumor — um sonho de uma redoma dos prazeres onde aqueles cansados dos deleites triviais da condição humana poderiam descobrir uma nova definição do regozijo. E a rota para aquele paraíso? Disseram-lhe que havia diversas; gráficos das interfaces entre o real e o que era ainda mais real, feitos por viajantes cujos ossos há muito tinham se tornado pó. Um desses gráficos estava nos cofres do Vaticano, escondido num código em

um trabalho teológico que não era lido desde a Reforma. Outro — na forma de um origami, fora dito estar na posse do Marquês de Sade, que o utilizou enquanto esteve aprisionado na Bastilha, trocando-o com um guarda pelo papel que utilizou para escrever *Os 120 Dias de Sodoma.* Contudo, outro foi feito por um artesão chamado Lemarchand — um produtor de pássaros cantantes — na forma de uma caixinha de música de design tão elaborado que um homem podia passar metade da vida brincando com ela e nunca conseguir abri-la.

Histórias. Histórias. Contudo, uma vez que ele não acreditava em coisa alguma, não foi difícil deixar de lado a tirania da verdade verificável. E o tempo passou, enquanto ele meditava inebriadamente sobre tais fantasias.

Foi em Düsseldorf, para onde contrabandeara um pouco de heroína, que tornou a ouvir falar da caixa de Lemarchand. Sua curiosidade voltou a ser aguçada, mas, desta vez, ele seguiu a história até a fonte. O nome do homem era Kircher, embora provavelmente ele tivesse mais uma dúzia de outros. Sim, o alemão podia confirmar a existência da caixa e, sim, podia dar um jeito para que Frank a tivesse. O preço? Pequenos favores aqui e ali. Nada excepcional. Frank fez os favores, lavou as mãos e exigiu o pagamento.

Kircher dera instruções sobre qual era a melhor maneira de quebrar o selo do dispositivo de Lemarchand, instruções que em parte eram pragmáticas, em parte metafísicas.

Ele disse que resolver o enigma era como viajar ou algo mais ou menos assim. Aparentemente, a caixa não era apenas o mapa da estrada, mas a própria estrada em si.

Aquele novo vício o curou rapidamente das drogas e do álcool. Talvez houvessem outras maneiras de fazer o

mundo se curvar e enquadrar no formato dos seus sonhos.

Ele voltou para a casa na Lodovico Street, para a casa vazia onde, agora, se encontrava prisioneiro atrás das paredes, e se preparou — conforme Kircher detalhara — para o desafio de resolver a Configuração de Lemarchand. Ele nunca estivera tão abstêmio na vida, nem tão focado num só objetivo. Nos dias que antecederam o massacre da caixa, ele levou uma vida que teria feito inveja a um santo, focando todas as energias na cerimônia por vir.

Ele fora arrogante na forma com que negociara com a Ordem de Gash, percebia isso agora; mas havia em todos os lugares — *naquele* mundo e *fora* dele — forças que encorajaram tal arrogância, porque eles barganhavam com ela. Aquilo por si só não o teria desfeito. Não, seu erro de verdade tinha sido a ingenuidade de acreditar que a *sua* definição de prazer era a mesma da dos Cenobitas.

Da forma como foi, eles trouxeram sofrimento incalculável. Eles o inundaram com tanta sensualidade que sua mente oscilou entre a loucura, então, o iniciaram em experiências que faziam seus nervos convulsionarem só de lembrar. Eles chamavam aquilo de prazer e, talvez, estivessem falando sério. Talvez, não. Era impossível de saber ao certo em se tratando deles, que eram tão irremediavelmente ambíguos. Eles não reconheciam os princípios de recompensa e punição pelos quais Frank esperava obter algum respiro das torturas, nem se sentiam tocados pelos apelos dele por misericórdia. Ele tentara aquilo, durante as semanas e meses que separavam a resolução da caixa do dia de hoje.

Não havia compaixão daquele lado da Cisão; havia apenas o pranto e as gargalhadas. Às vezes, lágrimas de alegria (por uma hora sem pavor, ou até o tempo de um

respiro), lágrimas que vinham como um paradoxo diante de um novo horror, elaborado pelo Engenheiro para gerar aflição.

Mas havia ainda outra sofisticação na tortura, concebida por uma mente que compreendia totalmente a natureza do sofrimento. Os prisioneiros eram capazes de ver o mundo onde outrora viveram. Seus locais de descanso — quando não estavam submetidos ao prazer — permitiam ver as próprias locações onde no passado tinham trabalhado na Configuração que os levara até ali. No caso de Frank, no quarto do andar de cima do número 55 da Lodovico Street.

Durante a maior parte do ano, tinha sido uma vista escura: ninguém havia entrado na casa. Então, *eles* chegaram. Rory e a adorável Julia. E a esperança retornou…

Havia maneiras de escapar, ele os escutara sussurrar; brechas no sistema que permitiram que uma mente flexível ou astuta voltasse ao local de onde viera. Se um prisioneiro conseguisse perpetrar tal fuga, não havia maneira de ser seguido pelos hierofantes. Eles tinham de ser *convocados* através da Cisão. Sem um convite assim, eram como cachorros à porta, arranhando e arranhando, mas incapazes de entrar. A fuga, portanto, se pudesse ser alcançada, traria consigo um *decreto absoluto*, a dissolução completa de um casamento equivocado feito pelo prisioneiro. Era um risco que valia a pena. Na verdade, não era risco algum. Que punição poderia ser pior do que o pensamento de sofrer sem a esperança de se libertar?

Ele tivera sorte. Certos prisioneiros tinham partido do mundo sem deixar sinal suficiente de si próprios a partir do qual, dadas as colisões adequadas das circunstâncias, seus corpos poderiam ser refeitos. Mas ele deixara. Sua última ação, exceto pelos gritos, fora esvaziar os testículos no chão. Esperma morto era uma

lembrança parca do seu eu essencial, mas bastava. Quando o irmão Rory (o doce e desastrado Rory) deixou o cinzel escorregar, Frank pôde lucrar com a dor. Ele encontrara um apoio para si e um vislumbre da força com a qual poderia arrastar-se até a segurança. Agora, cabia a Julia.

Às vezes, amargando dentro da parede, ele achava que ela o abandonaria por medo. Ou isso ou ela racionalizaria a visão e decidiria que tudo não passara de um sonho. Se fosse o caso, ele estaria perdido. Ele carecia de energia para repetir a aparição.

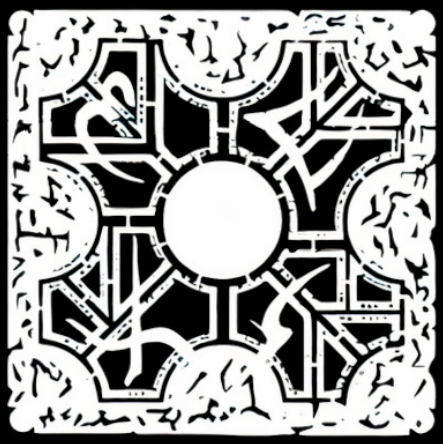
Mas havia sinais que lhe davam motivos para ter esperança. O fato de ela ter voltado ao quarto em duas ou três ocasiões, por exemplo, e simplesmente ter ficado no escuro, olhando para a parede. Ela até murmurara algumas palavras na segunda visita, embora ele tenha captado apenas fragmentos. A palavra "*aqui*" estava entre elas. E "*esperando*" e "*breve*". O bastante para tirá-lo do desespero.

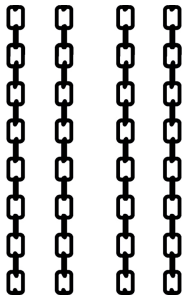
Ele tinha outra razão para ser otimista. Ela estava perdida, não estava? Ele observara aquilo no rosto dela quando — antes do dia em que Rory se ferira — ela e o irmão estiveram juntos no quarto. Ele lera os olhares nas entrelinhas, os momentos em que a guarda dela baixara e a tristeza e frustração que ela sentia ficaram aparentes.

Sim, Julia estava perdida. Casada com um homem que não amava, incapaz de ver uma saída.

Bem, ali estava ele. Os dois podiam salvar um ao outro, da forma que os poetas prometiam que amantes fariam. Ele era um mistério, ele era trevas, ele era tudo com que ela sempre sonhara. E, se ela o libertasse, ele a serviria — ah, sim — até que o prazer dela alcançasse aquele limiar que, tal qual todo limiar, era um local onde o forte fica mais forte e os fracos pereciam.

Prazer era dor ali, e vice-versa. E ele o conhecia bem o suficiente para chamá-lo de lar.





VI

Ficou frio na terceira semana de setembro; um vento ártico voraz despiu as árvores das folhas em poucos dias.

O frio exigiu uma mudança de roupa, uma mudança de planos. Em vez de caminhar, Julia dirigiu. Dirigiu até o centro da cidade no começo da tarde e encontrou um bar em que a hora do almoço era estimulante, mas não clamorosa.

Os clientes iam e vinham; jovens turcos de empresas de advocacia e contabilidade debatendo suas ambições; grupos de apreciadores de vinhos cujo único crédito à sobriedade era os ternos e, ainda mais interessante, um pequeno contingente de indivíduos que se sentavam sozinhos às mesas e apenas bebiam. Ela reuniu uma boa dose de olhadelas de admiração, mas a maioria vinha dos jovens turcos. Foi só depois de já estar no local há uma hora e o grosso dos escravos ter voltado para suas tarefas enfadonhas, que ela chamou a atenção de alguém que observava o reflexo dela pelo espelho do bar. Pelos dez minutos seguintes, os olhos dele não desgrudaram dela. Julia continuou a beber, tentando ocultar qualquer sinal de agitação. Então, sem aviso, ele se levantou e foi até a mesa dela.

— Bebendo sozinha? — perguntou.

Ela quis correr. Seu coração batia tão furiosamente que tinha certeza de que ele escutaria. Mas, não. Ele perguntou se ela queria outro drinque; ela aceitou. Claramente satisfeito por não ter sido recusado, ele foi até o bar, pediu dois duplos e voltou ao lado dela. Ele tinha o rosto corado e seu terno azul-escuro era um número menor para o tamanho dele. Somente seus olhos traíam algum sinal de nervosismo, descansando sobre ela por alguns momentos e, então, afastando-se como um peixe assustado.

Não haveria conversação séria; isso ela já havia decidido. Ela não queria saber muito sobre ele. O nome, se necessário. A profissão e estado civil, se ele insistisse. Além disso, que ele fosse apenas um corpo.

Da forma como foi, não havia perigo de uma confissão. Ela já havia conhecido paralelepípedos mais falantes. Ele sorria ocasionalmente — um sorriso curto e nervoso que mostrava dentes perfeitos demais para serem reais — e ofereceu mais drinques. Ela disse que não, querendo acabar com aquilo o quanto antes. Assim, perguntou se ele tinha tempo para tomar um café. Ele disse que tinha.

— Minha casa fica só há alguns minutos daqui — ela afirmou, e eles foram para o carro. Enquanto dirigia — a refeição no banco ao seu lado — ela refletia por que aquilo tinha sido tão fácil. Será que o homem era claramente uma vítima — com seus olhos ineficazes e dentes artificiais — nascido, sem que soubesse, para fazer aquela jornada? Sim, talvez fosse isso. Ela não estava com medo porque tudo tinha sido tão perfeitamente previsível…

Conforme girou a chave na porta da frente e adentrou a casa, pensou ter ouvido um barulho na cozinha. Será que Rory havia voltado mais cedo para casa, talvez por

estar doente? Ela chamou. Não houve resposta; a casa estava vazia. Quase.

A partir dali, não havia planejado as coisas meticulosamente. Julia fechou a porta. O homem de terno azul olhou para suas unhas bem aparadas e aguardou a deixa.

— Eu fico solitária às vezes — ela lhe disse, ao passar ao seu lado. Foi uma frase que havia bolado na cama, na noite anterior.

Ele respondeu com um aceno de cabeça, a expressão em seu rosto uma mistura de medo e incredulidade; ele claramente mal podia acreditar na sua sorte.

— Você quer mais uma bebida? — ela perguntou a ele. — Ou prefere subir?

Ele apenas acenou com a cabeça de novo.

— Qual dos dois?

— Acho que já bebi o bastante.

— Subir, então.

Ele fez um movimento indeciso na direção dela, como se pretendesse beijá-la. Mas ela não queria cortejo algum. Desvencilhando-se do toque, foi até o pé das escadas.

— Eu mostro o caminho — disse. Ele a seguiu mansamente.

Ao chegar ao topo dos degraus, ela deu uma olhadela para ele e o viu limpando suor do rosto com um lenço. Esperou até que ele a alcançasse e, então, o levou ao longo do corredor até o quarto úmido.

A porta tinha sido deixada entreaberta.

— Entre — ela falou.

Ele obedeceu. Uma vez lá dentro, foi preciso alguns momentos para que ele se acostumasse ao escuro e ainda mais tempo até que desse voz a uma observação:

— Não tem cama.

Ela fechou a porta e acendeu a luz. Havia pendurado um dos velhos casacos de Rory na parte de trás da

porta. Dentro do bolso, havia guardado uma faca. Ele repetiu:

— Não tem cama.

— Qual o problema do chão? — ela respondeu.

— O chão?

— Tire seu terno. Você está com calor.

— Estou — ele concordou, mas não fez nada, então ela foi até ele e começou a desatar o nó da gravata. Ele tremia, pobre cordeirinho. Enquanto ela tirava a gravata, ele começou a livrar-se do terno.

"Frank está assistindo a isso?", Julia se perguntou. Seus olhos desviaram momentaneamente para a parede. "Sim", ela pensou, "ele está ali. Ele *vê.* Ele *sabe.* Está lambendo os beiços e ficando impaciente."

O cordeiro falou:

— Por que você... — ele começou. — Por que você não... faz o mesmo?

— Você quer me ver nua? — ela provocou. As palavras fizeram os olhos dele brilhar.

— Sim — ele disse com firmeza. — Sim, eu quero.

— Muito?

— Muito!

Ele estava desabotoando a camisa.

— Quem sabe você veja — falou.

Ele voltou a lançar aquele sorriso minúsculo.

— Isso é algum tipo de jogo? — se aventurou a perguntar.

— Se quiser que seja — ela respondeu e o ajudou a tirar a camisa. O corpo dele era pálido e lustroso, como um fungo.

O peito era forte, a barriga também. Ela pôs as mãos no rosto dele. Ele beijou as pontas dos dedos.

— Você é linda — ele falou, cuspindo as palavras como se elas o estivessem incomodando há horas.

— Sou?

— Você sabe que é. Adorável. A mulher mais linda que já vi.

— Que galanteador — ela falou e virou as costas, para a porta. Atrás de si, escutou o cinto ser aberto e o som das roupas deslizando sobre a pele ao que ele baixava as calças.

"Até este ponto e não além", ela pensou. Não desejava vê-lo completamente nu. Já bastava tê-lo daquela maneira…

Ela pôs a mão no bolso do casaco.

— Essa não — o cordeirinho disse de repente.

Ela deixou a faca ali.

— O que foi? — perguntou, voltando-se para encará-lo. Se o anel no dedo dele já não tivesse entregado a condição de imediato, ela saberia que ele era casado pelas cuecas que vestia: folgadas e lavadas muitas vezes, um vestuário pouco lisonjeiro comprado por uma esposa que há muito deveria ter deixado de pensar no marido em termos sexuais.

— Acho que preciso esvaziar a bexiga — ele disse. — Tomei uísque demais.

Ela deu de ombros e virou-se de volta para a porta.

— Vai demorar só um instante — ele disse para as costas dela. Mas a mão de Julia estava no bolso do casaco antes que as palavras tivessem saído e, ao que ele deu um passo em direção à porta, ela virou-se para ele com a faca em mãos.

Suas passadas foram rápidas demais para que ele pudesse perceber a lâmina até o último momento e, mesmo então, foi surpresa que cruzou seu rosto e não medo. Foi uma expressão que teve vida curta. A faca estava dentro dele no instante seguinte, rasgando a barriga com a mesma facilidade que cortaria queijo maturado. Ela abriu um corte e a seguir, outro.

Conforme o sangue começou a jorrar, Julia teve certeza de que o quarto piscou e os tijolos e a argamassa

tremeram para ver os jorros que voavam dele.

Ela teve um segundo para admirar o fenômeno, nada além disso. A seguir, o cordeiro praguejou e — em vez de se mover para longe do alcance da faca, como ela pensara — deu um passo na direção dela e arrancou a arma das suas mãos. Ela tilintou no chão e bateu no rodapé. Então, ele estava sobre ela.

Ele meteu a mão entre os cabelos dela e segurou um punhado. Parecia que a intenção dele não era ser violento, mas fugir, pois a largou assim que chegou até a porta. Ela caiu contra a parede e olhou para o alto, vendo-o lutar contra a maçaneta; a mão livre pressionando os ferimentos.

Julia foi rápida. Correu até onde estava a faca, levantou-se e investiu contra ele em um só movimento fluido. Ele tinha aberto a porta apenas alguns centímetros, mas não o bastante. Ela descerrou a faca no meio das costas. Ele gritou e largou a maçaneta. Ela já estava removendo a lâmina e mergulhando dentro dele uma segunda vez, então uma terceira e uma quarta. Na verdade, perdeu as contas dos ferimentos que fez, os ataques mais venenosos pela recusa dele de deitar e morrer. Ele cambaleou pelo cômodo, sofrendo e xingando, sangue seguindo sangue sobre suas nádegas e pernas. Enfim, após um tempo desse espetáculo burlesco, ele caiu de joelhos e foi ao chão.

Desta vez, ela teve certeza de que seus sentidos não a enganaram. O quarto, ou o espírito dentro dele, respondeu com suspiros suaves de antecipação.

Em algum lugar, um sino estava tocando…

Quase como um pensamento tardio, ela registrou que o cordeiro parara de respirar. Atravessou o chão coalhado de sangue até onde ele estava e disse:

— Já chega?

Então, foi lavar o rosto.

Conforme andava pelo corredor, escutou o quarto gemer — não havia outra palavra para aquilo. Estancou no lugar, quase tentada a voltar atrás. Mas o sangue estava secando em suas mãos e sua densidade a revoltava.

Ela se despiu no banheiro, tirando a blusa florida, e enxaguou primeiro as mãos, depois os braços e, enfim, o pescoço. O jorro de água a gelou e abraçou. Feito isso, ela lavou a faca, enxaguou a pia e voltou pelo corredor, sem se dar ao trabalho de se secar ou vestir.

Mas não havia necessidade de fazê-lo. O quarto estava como um forno, conforme as energias do morto pulsavam de seu corpo. Mas elas não foram longe. O sangue no chão rastejava na direção da parede onde Frank estava, as gotas pareciam ferver e evaporar ao que entravam no alcance dos rodapés. Ela assistiu, extasiada. Mas havia mais. Algo estava acontecendo ao cadáver. Ele estava sendo drenado de cada elemento nutritivo, o corpo convulsionando conforme suas entranhas eram sugadas, gases gemendo em seus intestinos e garganta, a pele sendo dissecada diante dos olhos perplexos dela. A certa altura, os dentes de plástico caíram dentro do esôfago, as gengivas murchando ao redor deles.

E, em poucos momentos, estava acabado. Qualquer coisa que o corpo pudesse ter oferecido como nutrimento, havia sido tomada; a casca que restara não teria sustentado nem uma família de moscas. Ela estava impressionada.

De repente, a lâmpada começou a piscar. Ela olhou para a parede, esperando vê-la tremer e cuspir seu amante de dentro, mas não. A lâmpada apagou. Havia apenas a tênue luminosidade que passava pela persiana velha.

— Onde está você? — ela perguntou.

As paredes continuaram mudas.

— *Onde está você?*

Ainda nada. O quarto começou a esfriar. Os seios dela se arrepiaram. Ela olhou para o relógio brilhante no braço ressequido do cordeiro. Ele fazia seu tique-taque, indiferente ao apocalipse que acometera seu proprietário. Marcava 16h41. Rory voltaria a qualquer momento após às 17h15, dependendo do quanto o tráfego estivesse denso. Ela tinha trabalho a fazer antes disso.

Embrulhando o terno azul e o resto das roupas, Julia as enfiou dentro de várias sacolas plásticas e, a seguir, saiu procurando um saco maior para os restos. Esperava que Frank estivesse presente para ajudá-la com aquele trabalho, mas, como ele não aparecera, não teve opção senão fazê-lo sozinha. Quando voltou ao quarto, a deterioração do cordeiro ainda continuava, ainda que agora, bem mais devagar. Talvez Frank ainda estivesse encontrando nutrimentos para espremer do corpo, mas ela duvidava. O mais provável era que o cadáver paupérrimo, sem o tutano e todos os fluidos vitais, não era mais forte o bastante para suportar a si próprio. Quando o colocou dentro do saco, ele não pesava mais do que uma criança pequena. Fechando o saco, estava prestes a levá-lo para o carro, quando escutou a porta da frente abrir.

O som liberou todo o pânico que ela mantivera assiduamente longe de si. Ela começou a tremer. Lágrimas pingavam sobre seus seios.

"*Agora não...*", disse para si própria, mas os sentimentos simplesmente não podiam mais ser suprimidos.

Na entrada lá embaixo, Rory disse:

— Querida?

Querida! Ela poderia ter rido, mas de terror. Ela estava ali, se ele quisesse encontrá-la — sua querida,

seu favo de mel, com os seios recém-lavados e um morto nos braços.

— Cadê você?

Ela hesitou antes de responder, incerta se sua laringe conseguiria fingir.

Ele chamou uma terceira vez, a voz mudando de timbre ao que ele caminhava até a cozinha. Levaria apenas um momento para que ele descobrisse que Julia não estava em frente a uma panela; então, ele daria a volta e subiria. Ela tinha dez segundos, quinze no máximo.

Tentando andar o mais leve possível, com medo que ele escutasse seus movimentos, Julia carregou o pacote para o cômodo sobressalente, no final do corredor. Pequeno demais para ser usado como quarto (exceto, talvez, para uma criança), eles o aproveitaram como depósito. Caixas de chá apenas metade vazias, mobília para a qual ainda não haviam encontrado um lugar, todos os tipos de entulho. Ali, ela deixou o corpo para descansar, atrás de uma poltrona. Então, fechou a porta, bem quando Rory chamou do início das escadas. Ele estava subindo.

— Julia? Julia, querida, você está aí?

Ela entrou no banheiro e olhou-se no espelho, que mostrou a ela um retrato corado. Apanhou a blusa que deixara pendurada ao lado da banheira e vestiu. Estava com um cheiro rançoso e sem dúvida havia sangue espirrado entre as flores, mas não havia nada mais para vestir.

Ele estava no corredor; era possível escutar suas passadas de elefante.

— Julia?

Desta vez, ela respondeu, sem tentar disfarçar a qualidade trêmula da voz. O espelho confirmava o que ela temia: não havia como fingir não estar aflita. Julia foi obrigada a inventar uma desculpa:

— Você está bem? — ele perguntou. Estava do lado de fora da porta.

— Não — ela respondeu. — Me sinto doente.

— Oh, querida…

— Vou ficar bem num minuto.

Ele tentou abrir a porta, mas ela havia passado a tranca.

— Pode me deixar um pouquinho sozinha?

— Quer que eu chame um médico?

— Não — ela respondeu. — Não. Mesmo. Mas não me incomodaria se preparasse um conhaque.

— Conhaque…

— Vou descer em dois minutos.

— Tudo bem. Se é o que a madame quer — ele brincou. Ela contou os passos dele enquanto rumava até as escadas e, a seguir, desceu. Uma vez que calculou que ele não poderia escutá-la, ela deslizou a tranca e ganhou o corredor.

A luz do fim de tarde evanescia rapidamente; o corredor era um túnel lúgubre.

Lá embaixo, escutou o tinido dos copos. Moveu-se o mais rápido que ousou até o quarto de Frank.

Não havia ruído algum vindo do interior escuro. As paredes não tremiam mais e nem sinos distantes soavam. Ela abriu a porta, que rangeu levemente.

Julia não tinha arrumado tudo totalmente. Havia pó no chão, pó humano, fragmentos de carne seca. Ela abaixou sobre as ancas e coletou tudo com diligência. Rory tinha razão. Que dona de casa perfeita ela era.

Ao se levantar, algo se moveu nas sombras perpétuas do quarto. Ela olhou na direção do movimento, mas, antes que seus olhos pudessem discernir a forma no canto, uma voz disse:

— Não olhe para mim.

Era uma voz cansada — a voz de alguém desgastado pelos eventos; mas era tangível. As sílabas haviam sido

carregadas pelo mesmo ar que ela respirava.

— Frank? — ela inquiriu.

— Sim… — respondeu a voz. — Sou eu.

Lá de baixo, Rory gritou:

— Está se sentindo melhor?

Ela foi até a porta:

— Muito melhor.

Pelas costas dela, a coisa oculta falou:

— *Não deixe que ele se aproxime de mim* — as palavras saíram rápidas e ferozes.

— Está tudo bem — ela sussurrou. Então, falou para Rory — Vou descer num minuto. Ponha alguma música. Algo calmo.

Rory respondeu que o faria e foi para a sala.

— Estou refeito somente pela metade — disse a voz de Frank. — Não quero que você me veja… não quero que *ninguém* me veja… não assim… — As palavras voltaram a ser pausadas e miseráveis.

— Preciso de mais sangue, Julia.

— Mais?

— E rápido.

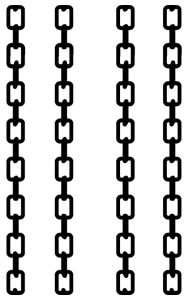
— Quanto mais? — ela perguntou às sombras. Desta vez, obteve um vislumbre melhor do que se ocultava nelas. Não admira que ele não quisesse que ninguém o visse.

— Apenas *mais* — respondeu. Embora o volume estivesse pouco acima de um suspiro, havia uma urgência na voz que a fez sentir medo.

— Tenho de ir… — ela falou, escutando a música lá embaixo.

Desta vez, as trevas não responderam. À porta, ela voltou-se para trás.

— Fico feliz que tenha vindo — ela disse. Ao fechar a porta, escutou um som atrás de si que não era diferente de risos, nem diferente de soluços.



VII

I

— Kirsty? É você?

— Sim? Quem é?

— É o Rory…

A linha estava aquosa, como se o dilúvio lá fora tivesse se infiltrado no telefone. Mesmo assim, ela ficou feliz de ter notícias dele. Ele telefonava tão raramente e, quando o fazia, costumava ser em nome dele e de Julia. Mas não desta vez. Desta vez, Julia era o tema da conversa.

— Tem alguma coisa errada com ela, Kirsty — ele falou. — Não sei o quê.

— Acha que ela está doente?

— Talvez. Ela está tão estranha comigo. E está com uma aparência terrível.

— Você disse alguma coisa pra ela?

— Ela fala que tá bem. Mas não é verdade. Fiquei me perguntando se, talvez, ela tenha falado com você.

— Eu não a vejo desde a festa na sua casa.

— Isso é outra coisa. Ela não quer sair de casa. Isso não é do feitio dela.

— Você quer que eu… que converse com ela?

— Você conversaria?

— Não sei se adiantaria de alguma coisa, mas posso tentar.

— Não diga que eu falei com você.

— Claro que não. Eu posso dar uma passada na sua casa amanhã…

(“*Amanhã. Precisa ser amanhã.*”

“*Sim… eu sei.*”

“*Estou com medo de perder meu controle, Julia. De começar a regredir.*”)

— Te telefono do escritório na quinta pra saber o que achou dela.

(“*Regredir?*”

“*A esta altura, eles saberão que parti.*”

“*Quem?*”

“*A Cisão. Os bastardos que me pegaram…*”

“*Eles estão te esperando?*”

“*Do outro lado da parede.*”)

Rory disse a ela o quanto estava agradecido e, em troca, ela falou que era o mínimo que uma amiga poderia fazer. Então, ele desligou o telefone, deixando-a escutar a chuva na linha vazia.

Agora, os dois eram criaturas de Julia, cuidando do bem-estar dela, ninando-a caso tivesse pesadelos.

Não importava. Era uma maneira de estar junto dele.

2

O homem de gravata branca não perdeu tempo. Assim que pôs os olhos em Julia, foi até ela. Ela decidiu, ainda enquanto ele se aproximava, que ele não servia. Grande demais, confiante demais. Depois da forma que o primeiro lutara, ela estava determinada a escolher com cuidado. Então, quando Gravata Branca perguntou o que ela estava bebendo, ela pediu que ele a deixasse em paz.

Aparentemente, ele estava habituado a rejeições e tomou seu rumo, retirando-se para o bar. Ela voltou ao seu drinque.

Estava chovendo forte — já chovia há setenta e duas horas com algumas pausas — e havia menos clientes ali do que na semana anterior. Um ou dois ratos afogados chegaram da rua, mas nenhum a observara por mais do que alguns poucos momentos. E o tempo estava passando. Já era depois das duas horas. Ela não queria arriscar ser pega novamente pelo retorno de Rory. Esvaziou o copo e decidiu que aquele não era o dia de sorte de Frank. Então, se afastou do bar, indo para o aguaceiro, apanhou o guarda-chuva e voltou para o carro. Conforme andava, escutou passos atrás de si e, então, Gravata Branca estava ao seu lado, dizendo:

— Meu hotel fica aqui perto.

— Ah — ela respondeu, mas continuou a andar. Mas ele não seria demovido tão facilmente.

— Estarei aqui só por dois dias — ele disse.

“Não me tente”, ela pensou.

— Só estou procurando alguma companhia — ele prosseguiu. — Não falei com nenhuma alma viva até agora.

— É mesmo?

Ele a segurou pelo punho. Uma pegada tão firme que ela quase protestou. Foi quando ela soube que teria de matá-lo. Ele parecia ver o desejo nos olhos dela.

— Meu hotel? — ele repetiu.

— Não gosto de hotéis. Eles são impessoais.

— Tem ideia melhor? — ele perguntou.

Claro que ela tinha.

Ele pendurou o casaco pingando no cabide de entrada e ela lhe ofereceu um drinque, que foi bem-recebido. O nome dele era Patrick e era de Newcastle.

— Os negócios não rolaram. Acho que não vou conseguir muita coisa.

— Por quê?

Ele deu de ombros.

— Provavelmente sou um vendedor ruim. Simples assim.

— O que você vende? — ela perguntou.

— E você se importa? — ele respondeu, afiado como uma navalha.

Ela sorriu. Teria de levá-lo para cima rápido, antes que começasse a gostar da sua companhia.

— Por que não deixamos a conversa fiada de lado? — ela falou. Era uma frase rançosa, mas foi a primeira coisa que lhe ocorreu. Ele engoliu o que restava do drinque de um gole só e a seguiu.

Desta vez, ela não deixara a porta entreaberta. Estava trancada, o que o intrigou.

— Depois de você — ele disse, quando a porta foi aberta.

Ela entrou primeiro. Ele a seguiu. Desta vez, ela decidira que ele não se despiria. Se algum nutriente fosse sugada pelas roupas dele, que assim fosse; ela não daria a ele a chance de perceberem que não estavam sozinhos no quarto.

— Vamos trepar no chão? — ele perguntou casualmente.

— Alguma objeção?

— Não. Se você curte... — ele disse e cerrou sua boca contra a dela; a língua fazendo traquinagens contra os dentes dela. Ela concluiu que havia alguma paixão nele; ela já podia senti-lo duro contra seu corpo. Mas ela tinha trabalho a fazer; sangue a derramar e uma boca a alimentar.

Ela se desvencilhou do beijo e tentou escapar dos braços dele. A faca estava no casaco, pendurado na porta. Enquanto estivesse fora de alcance, ela tinha pouca força para resistir.

— Algum problema? — ele perguntou.

— Problema nenhum — ela murmurou. — Mas não há pressa. Temos todo o tempo do mundo.

Ela tocou a frente das calças dele para reassegurá-lo. Como um cão sendo acariciado, ele fechou os olhos.

— Você é estranha — ele falou.

— Não olhe — ela disse a ele.

— Hã?

— Fique de olhos fechados.

Ele franziu a testa, mas obedeceu. Ela deu um passo atrás, na direção da porta, e virou-se para tatear nas profundezas do bolso, olhando para trás para ver se ele ainda estava cego.

Ele estava, e abrindo o zíper. Quando a mão dela alcançou a faca, as sombras grunhiram.

Ele escutou o barulho e seus olhos se abriram.

— O que foi isso? — disse, girando em volta de si e espiando as trevas.

— Não foi nada — ela insistiu, enquanto tirava a faca do seu esconderijo. Ele estava se afastando dela, ao longo do cômodo.

— Tem alguém…

— *Não.*

— …aqui.

A última sílaba vacilou em seus lábios, ao que ele captou um movimento inquieto no canto, ao lado da janela.

— O que… em nome de Deus…? — ele começou. Ao que ele apontou para as trevas, Julia estava sobre ele, rasgando seu pescoço com a eficiência de um açougueiro. Sangue saltou imediatamente, um jorro gordo que atingiu a parede com um baque úmido. Ela escutou o prazer de Frank e, a seguir, as queixas do moribundo, longas e baixas. A mão dele subiu ao pescoço para deter o jorro, mas ela estava sobre ele novamente, retalhando a mão suplicante e o rosto. Ele cambaleou e soluçou. Finalmente, caiu, em espasmos.

Ela afastou-se dele para evitar as pernas se debatendo. No canto do quarto, viu Frank balançando para frente e para trás.

— Boa garota — ele disse.

Foi imaginação dela ou a voz dele estava mais forte do que antes, mais parecida com a voz que ela escutara em sua cabeça mil vezes ao longo daqueles anos roubados?

A campainha tocou. Ela congelou.

— Oh, Deus — sua boca disse.

— Está tudo bem — a sombra respondeu — Ele está morto.

Ela olhou para o homem de gravata branca e viu que Frank tinha razão. Os espasmos tinham cessado.

— Ele é grande — observou Frank. — E saudável.

Ele estava se movendo à vista dela, afoito demais pelo sustento para proibir que ela o olhasse; Julia o via com clareza agora pela primeira vez. Ele era uma farsa. Não só da humanidade, mas da vida. Ela desviou o olhar.

A campainha voltou a tocar, por mais tempo.

— Vá atender — disse Frank.

Ela não respondeu.

— *Vá* — ele repetiu, voltando a cabeça traiçoeira na direção dela, os olhos afiados e cintilantes na corrupção que os cercavam.

A campainha tocou uma terceira vez.

— Seu visitante é muito insistente — ele disse, tentando a persuasão onde exigência havia falhado. — Eu realmente acho que você deveria atender a porta.

Julia afastou-se dele, que voltou a atenção para o cadáver no chão.

A campainha, mais uma vez.

Talvez fosse melhor atendê-la (ela já estava fora do quarto, tentando não escutar os sons que Frank estava fazendo), melhor abrir a porta para o dia. Deveria ser um vendedor de seguros, ou uma testemunha de Jeová,

com notícias sobre a salvação. Sim, ela não se importaria de escutar aquilo. A campainha tocou outra vez.

— Estou indo — ela disse, apressando-se agora por medo de que ele fosse embora. Ao abrir a porta, trazia uma expressão de boas-vindas. Ela morreu instantaneamente.

— Kirsty.

— Eu já tava desistindo.

— Eu estava… eu estava dormindo.

— Ah.

Kirsty observou a aparição que tinha aberto a porta. Pela descrição de Rory, ela esperava uma criatura adoentada. O que viu era o oposto. O rosto de Julia estava corado; fios de cabelos molhados de suor grudavam na sua testa. Ela não parecia uma mulher que tinha acabado de acordar. Na cama, talvez, mas não dormindo.

— Eu dei uma passada pra bater um papo — disse Kirsty.

Julia deu de ombros.

— Bom, não é um momento conveniente — retrucou.

— Entendo.

— Quem sabe a gente possa se falar mais tarde nesta semana?

O olhar de Kirsty divergiu de Julia para o casaco que estava pendurado no saguão. Um gabardine masculino, pendurado em um dos cabides, ainda molhado.

— Rory está em casa? — ela perguntou.

— Não — respondeu Julia. — Claro que não. Ele está trabalhando — o rosto dela endureceu — Foi pra isso que veio? Pra ver o Rory?

— Não, eu…

— Você não tem que pedir minha permissão, sabe? Ele é adulto. Vocês podem fazer o que quiserem.

Kirsty não tentou debater àquela altura. A reviravolta a deixara tonta.

— Vá pra casa — disse Julia. — Não quero falar com você.

Ela bateu a porta.

Kirsty ficou no degrau por meio minuto, tremendo. Ela não tinha dúvidas do que estava acontecendo. O casaco de chuva pingando, a agitação de Julia, o rosto corado e a súbita ira. Ela estava com um amante em casa. O pobre Rory interpretara mal todos os sinais.

Ela desceu do degrau e seguiu para a rua. Uma multidão de pensamentos se acotovelava pela atenção dela. Enfim, um se destacou do bando: Como ela diria aquilo a Rory?

O coração dele se partiria, ela não tinha dúvidas. E ela, a azarada anunciadora, seria maculada pela notícia, não? Kirsty sentiu lágrimas se aproximarem.

Contudo, elas não vieram; outra sensação mais insistente assumiu o comando conforme ela caminhava pela calçada.

Ela estava sendo observada. Podia sentir o olhar em suas costas. Era Julia? Por algum motivo, achou que não. O amante, então? Sim, o amante!

Segura, fora da sombra da casa, ela cedeu à urgência de se virar e olhar. No quarto úmido, Frank observava pelo buraco que havia feito na persiana. A visita — cujo rosto ele reconheceu vagamente — estava encarando a casa, olhando, na verdade, justamente para aquela janela. Confiante de que ela não podia vê-lo, ele a encarava de volta. Decerto ele já pousara os olhos em criaturas mais voluptuosas, mas algo na falta de glamour dela o envolveu. Na experiência dele, mulheres assim costumavam ser mais divertidas do que beldades como Julia. Elas podiam ser lisonjeadas ou intimidadas a fazer coisas que as beldades nunca fariam, e ainda ser gratas

pela atenção. Talvez, aquela mulher voltaria. Ele esperava que sim.

Kirsty examinou a fachada da casa, mas ela estava em branco; as janelas ou estavam fechadas ou vazias. Contudo, a sensação de ser observada persistia; de fato, era tão forte, que ela deu as costas, embaraçada.

A chuva recomeçou conforme ela caminhava pela Lodovico Street, mas Kirsty a recebeu bem. Ela resfriou seu rubor e encobriu as lágrimas que não podiam mais ser contidas.

3

Julia voltou para cima tremendo e encontrou Gravata Branca na porta. Ou melhor, a cabeça dele. Desta vez, tenha sido por excesso de ganância ou de malícia, Frank desmembrara o cadáver. Pedaços de ossos e carne seca estavam espalhados pelo quarto.

Não havia sinal do devorador em si.

Ela virou-se em direção a porta e ele estava lá, bloqueando a passagem. Meros minutos haviam se passado desde que ela o vira inclinando-se para drenar a energia do morto. Naquele breve período de tempo, ele mudara além de qualquer reconhecimento. Onde havia cartilagem seca, agora havia músculos maduros; o mapa das artérias e veias tinha sido redesenhado: elas pulsavam com a vida roubada. Havia até cabelo brotando na moleira, de certo modo prematuro por conta da ausência de pele.

Mas nada disso atenuava a aparência dele. Na verdade, de muitas formas, até a piorava. Anteriormente, não havia quase nada reconhecível nele, mas agora, fragmentos de humanidade estavam espalhados em todos os lugares, realçando ainda mais a natureza catastrófica dos ferimentos.

Ainda havia coisas piores por vir. Ele falou e, quando o fez, foi com uma voz que indiscutivelmente era a de Frank. As sílabas entrecortadas desapareceram.

— Sinto dor — ele disse.

Seus olhos sem sobrancelhas e semicerrados observavam todas as respostas dela. Julia tentou esconder a náusea que sentia, mas sabia que disfarçar era inútil.

— Meus nervos voltaram a funcionar — ele explicou a ela — e eles *doem.*

— O que posso fazer pra ajudar? — ela perguntou.

— Talvez… talvez algumas bandagens.

— Bandagens?

— Para ajudar a me recompor.

— Se é isso que quer.

— Mas preciso de mais do que isso, Julia. Preciso de outro corpo.

— Mais um? — ela observou. Não haveria fim para aquilo?

— O que temos a perder?— ele respondeu, aproximando-se. Ante a súbita proximidade, ela ficou bastante ansiosa. Lendo o medo no rosto dela, Frank deteve o avanço.

— Em breve estarei inteiro novamente — ele prometeu — E, quando estiver…

— É melhor eu me limpar — ela falou, evitando os olhos dele.

— Quando eu estiver, minha doce Julia…

— Rory chegará em casa logo.

— *Rory!* — ele cuspiu o nome. — Meu adorado irmão. Como foi, em nome de Deus, que você se casou com tamanho babaca?

Ela sentiu um espasmo de raiva contra Frank.

— Eu o amava — respondeu. Então, após um momento ponderando, se corrigiu. — Eu pensei que o amava.

A risada dele só tornou sua nudez pavorosa mais aparente.

— Como pode acreditar nisso? Ele é um verme. Sempre foi. Sempre será. Nunca teve nenhum senso de aventura.

— Diferente de você.

— Diferente de mim.

Ela olhou para baixo; um homem morto estava estirado entre os dois. Por um instante, ela foi quase tomada por uma autorrepulsa. Tudo o que havia feito e sonhado em fazer nos últimos dias se erguera bem diante dela: um desfile de seduções que culminara em morte — tudo em nome daquela morte que ela esperava tão fervorosamente acabar em sedução. Ela estava tão condenada quanto ele, pensou. Nenhuma ambição sinistra poderia se aninhar na cabeça dele mais do que as que murmuraram e tremularam na dela.

Bem… já estava feito.

— Cure-me — ele sussurrou para ela. A crueza desaparecera da sua voz. Ele falou como um amante. — Cure-me… por favor.

— Eu vou — ela respondeu. — Prometo que vou.

— Então, nós ficaremos juntos.

Ela fez uma careta.

— E quanto a Rory?

— Somos irmãos por debaixo da pele — Frank respondeu. — Farei com que ele veja a sabedoria disso, o milagre disso. Você não pertence a ele, Julia. Não mais.

— Não — ela observou. Era verdade.

— Nós pertencemos um ao outro. É isso que você quer, não?

— É o que quero.

— Sabe, eu acho que, se tivesse você, não estaria desesperado — Frank disse a ela. — Não teria me desfeito do meu corpo e da minha alma por tão pouco.

— Pouco?

— Por prazer. Por mera sensualidade. Em você… — então ele moveu-se na direção dela de novo. Desta vez, as palavras dele a capturaram; ela não recuou. — Em você eu poderia ter descoberto um motivo para viver.

— Eu estou aqui — ela disse. Sem pensar, se adiantou e o tocou. O corpo estava quente e úmido. O pulso parecia estar em todos os lugares. Em cada broto de nervo, em cada tendão florescente. O contato a excitou. Foi como se, até aquele momento, ela não tivesse acreditado que ele era real de fato. Agora, era incontestável. Ela tinha *feito* aquele homem — ou refeito — usando sua astúcia e perspicácia para dar substância a ele. A emoção que sentiu ao tocar aquele corpo vulnerável foi a emoção da posse.

— Este é o momento mais perigoso — Frank disse a ela. — Antes, eu podia me esconder. Eu era praticamente nada. Mas não mais.

— Não. Eu pensei nisso.

— Temos de acabar com isso rapidamente. Preciso ser um homem forte e pleno a qualquer custo. Concorda?

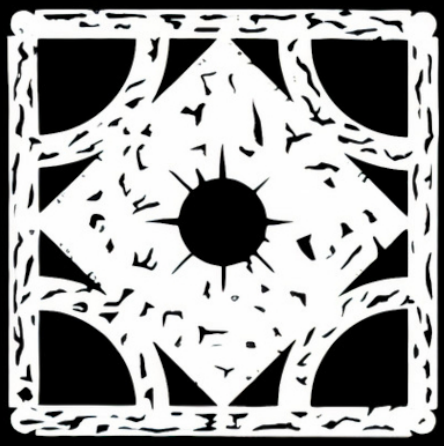
— Claro.

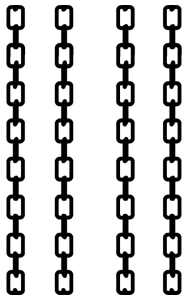
— Depois disso, a espera chegará ao fim, Julia.

A pulsação dele pareceu se acelerar diante do pensamento.

Então, ele se ajoelhou diante dela. As mãos inacabadas dele tocaram os quadris, depois a boca.

Deixando de lado sua aversão, Julia pousou a mão sobre a cabeça dele e sentiu o cabelo — sedoso, como o de um bebê — e o crânio sob ele. Frank não aprendera nada sobre sensibilidade desde a última vez que a possuira. Mas o desespero ensinou a ele a bela arte de tirar sangue de pedra; com o tempo, ela obteria amor daquela coisa odiosa ou saberia os motivos.





VIII

I

Houve trovões naquela noite. Uma tempestade sem chuva que fez o ar cheirar a aço.

Kirsty nunca dormiu bem. Mesmo quando criança, embora sua mãe conhecesse canções de ninar suficientes para pacificar nações, a garota nunca adormecia com facilidade. Não era que ela tinha pesadelos; ou ao menos nenhum que se lembrasse pela manhã. Era o sono em si — o ato de fechar os olhos e abrir mão do controle sobre a consciência — algo que ela não se adequava.

Naquela noite, com trovões altos e relâmpagos brilhantes, ela estava feliz. Tinha uma desculpa para abandonar a cama emaranhada, beber chá e assistir a um espetáculo da janela.

Isso deu a ela tempo para pensar — tempo para refletir sobre o problema que a aborrecia desde que saíra da casa na Lodovico Street. Contudo, ela não estava próxima de resposta alguma.

Uma dúvida em particular a importunava. E se ela estivesse errada sobre o que tinha visto? E se tivesse interpretado mal a prova e Julia tivesse uma explicação

perfeitamente razoável? Ela perderia Rory de uma só vez.

Não obstante, como poderia manter silêncio? Ela não suportava pensar na mulher rindo pelas costas dele, explorando sua gentileza e ingenuidade. O pensamento fez o sangue de Kirsty ferver.

A opção seria esperar para ver se conseguiria obter alguma evidência incontestável. Se suas piores suposições fossem confirmadas, ela não teria escolha senão contar a Rory o que vira.

Sim. Era essa a resposta. Esperar e observar, observar e esperar.

Os trovões persistiram por horas, negando a ela o sono até perto das quatro da madrugada. Quando enfim adormeceu, foi o torpor de alguém que esperava e observava. Luminoso e repleto de visões.

2

A tempestade transformou a casa num trem fantasma. Julia sentou-se lá embaixo e contou os segundos entre os relâmpagos e a fúria que os seguia. Ela nunca gostou de trovões. Ela, uma assassina; ela, a consorte de um morto-vivo. Era mais um paradoxo para somar aos milhares que encontrara funcionando dentro de si ultimamente. Ela pensou mais de uma vez em subir e confortar-se com o prodígio, mas sabia que não seria prudente. Rory poderia voltar a qualquer momento da festa no escritório. Ele estaria bêbado, tal qual o estivera em ocasiões similares, e cheio de carinhos nada bem-vindos.

A tempestade se aproximava. Ela ligou a televisão para bloquear os estrondos, mas não adiantou muito.

Rory chegou em casa às onze horas, cheio de sorrisos. Ele trazia boas notícias. No meio da festa, seu

supervisor o chamara de lado, elogiou seu excelente trabalho e falou sobre grandes coisas para o futuro. Julia escutou-o recontando a experiência, esperando que a embriaguez dele o cegasse para a indiferença dela.

— Tadinha de você — ele falou. — Você não gosta de trovões.

— Estou bem — ela comentou.

— Tem certeza?

— Sim. Bem.

Ele inclinou-se sobre ela e encostou o nariz em sua orelha.

— Você está suado — ela disse de modo direto, mas ele não cessou os avanços, não estando disposto a baixar a batuta agora que havia começado.

— *Por favor*, Rory — ela protestou. — Eu não quero.

— Por que não? Que foi que eu fiz?

— Nada — Julia disse, fingindo estar interessada na televisão — Você está ok.

— É mesmo? — ele respondeu. — *Você está* bem. *Eu estou* bem. Tudo tá bem pra caralho.

Ela encarou a tela oscilante. O noticiário da noite tinha acabado de começar, o típico cálice de tristezas, quase transbordando. Rory falou, afogando a voz do âncora com seus ataques verbais. Ela não se importou muito. O que o mundo tinha a dizer para ela? Pouco. *Ela*, por outro lado, tinha notícias para o mundo que o faria se encolher para escutar. Sobre a condição dos amaldiçoados; sobre amores perdidos e reencontrados; sobre o que o desespero e o desejo têm em comum.

— Por favor, Julia — Rory estava dizendo — converse comigo.

As súplicas chamaram a atenção dela. Ela pensou que ele se parecia com o garoto das fotografias — o corpo peludo e inchado, as roupas, as de um adulto, mas, em essência, ainda um garoto, com seu olhar aturdido e a boca morosa. Ela lembrou-se da pergunta de Frank:

“*Como foi que você se casou com tamanho babaca?*”. Pensando no assunto, um sorriso enrugou os lábios dela. Ele a encarou; sua perplexidade se aprofundando.

— O que é tão engraçado?

— Nada.

Ele balançou a cabeça, raiva tomando o lugar da perplexidade. O estrondo de um trovão seguiu um relâmpago com menos de um segundo de intervalo. Assim que ele veio, houve um barulho no andar de cima. Ela voltou-se para a televisão, para divergir a atenção de Rory, mas foi uma tentativa vã. Ele escutara o ruído.

— Que barulho foi esse?

— O trovão.

Ele se levantou e disse:

— Não. Foi outra coisa.

Já estava na porta.

Uma dúzia de opções correu pela mente dela, nenhuma delas prática. Ele lutou embriagado contra a maçaneta da porta.

— Talvez eu tenha deixado a janela aberta — ela disse e se levantou. — Vou lá checar.

— Eu posso fazer isso — ele respondeu. — Não sou um completo incapaz.

— Ninguém disse... — ela começou, mas ele não estava escutando. Assim que ele ganhou o corredor, o relâmpago veio com o trovão: alto e brilhante. Ela saiu em busca dele e outro lampejo seguiu o primeiro, acompanhado de um choque de balançar os intestinos. Rory já estava na metade das escadas.

— Não foi nada! — Julia gritou para o marido. Ele não respondeu e prosseguiu até o topo das escadas. Ela o seguiu.

— Não... — Julia falou, entre um período de calmaria e o seguinte. Desta vez, ele escutou. Ou melhor, optou por escutar. Quando ela chegou ao topo das escadas, ele estava aguardando.

— Algo errado? — perguntou.

Ela escondeu sua trepidação atrás de um encolher de ombros.

— Você está sendo bobo — respondeu com suavidade.

— Estou?

— Foi só um trovão.

O rosto dele, iluminado pelo saguão lá embaixo, de repente se atenuou.

— Por que você me trata que nem merda? — ele perguntou.

— Você só tá cansado — foi a resposta.

Como uma criança, ele persistiu:

— Por quê? O que eu fiz pra você?

— Está tudo bem — ela respondeu. — Mesmo, Rory. Está tudo bem. As mesmas banalidades hipnóticas mais uma vez.

Novamente, o trovão soou. E, por trás do estrondo, outro barulho. Ela amaldiçoou a indiscrição de Frank. Rory voltou-se e olhou para a escuridão.

— Ouviu isso? — ele falou.

— Não.

Com os membros tenazes por causa da bebida, ele afastou-a. Ela o viu retroceder para dentro das sombras. O relâmpago, se derramando através da janela aberta do quarto, o iluminou; então, trevas mais uma vez. Ele estava caminhando para o quarto úmido. Para Frank.

— Espere — ela falou e foi atrás dele. Rory não parou, cobrindo alguns metros até a porta. Quando ela o alcançou, sua mão estava segurando a maçaneta.

Inspirada pelo pânico, ela se estendeu e tocou o rosto dele.

— Estou com medo — ela disse.

Ele a olhou atordoado.

— Do quê? — perguntou a ela.

Ela levou as mãos aos lábios dele, permitindo que sentisse o sabor do medo nos dedos dela.

— Da tempestade — Julia explicou.

Ela podia ver a umidade dos olhos dele no escuro, pouco mais do que isso. Ele estava engolindo a isca ou cuspindo? Então, Rory disse:

— Pobre garota.

Engoliu, ela exultou. Ela colocou a mão sobre a dele e a afastou da porta. Se Frank sequer respirasse naquele instante, tudo estaria perdido.

— Pobre garota — ele tornou a repetir e a abraçou. O equilíbrio dele não estava muito bom; era um peso morto nos braços dela.

— Venha — Julia disse, conduzindo-o para longe da porta. Ele a seguiu por algumas passadas titubeantes e, então, perdeu o equilíbrio. Ela o soltou e se apoiou na parede. O relâmpago voltou e, por meio dele, Julia percebeu que os olhos do marido a tinham encontrado e brilhavam.

— Eu amo você — ele disse, cruzando o corredor até onde ela estava. Ele pressionou o corpo contra o dela tão forte, que não havia como resistir. A cabeça dele foi para a curva do pescoço dela, murmurando coisas doces em sua pele. Agora, ele a estava beijando. Ela queria empurrá-lo. Mais do que isso, queria apanhá-lo pela mão úmida e mostrar-lhe o monstro que desafiava a morte que ele estivera tão próximo de encontrar.

Mas Frank ainda não estava pronto para aquele confronto. Tudo que ela podia fazer era suportar as carícias de Rory e esperar que a exaustão o clamasse rapidamente.

— Por que não vamos lá pra baixo? — ela sugeriu.

Ele murmurou algo no pescoço dela e não se moveu. A mão esquerda estava no seio dela, a outra entrelaçava a cintura. Ela deixou que ele a apalpasse por debaixo da blusa. Resistir àquela altura só o inflamaria mais.

— Preciso de você — ele falou, levando a boca até a orelha dela. Certa vez, meia-vida atrás, o coração dela

parecia falhar ante uma declaração daquelas. Agora, ela já estava escolada. O coração dela não era nenhum acrobata; não havia formigamento em sua barriga. Somente os trabalhos firmes de seu corpo. Respiração, sangue circulando, alimento despolpado e purgado. Assim, pensando na sua anatomia, imaculada pelo romantismo — ao que uma coleção de imperativos naturais se alojava nos músculos e ossos — Julia achou mais fácil deixar que ele despisse a blusa dela e colocasse o rosto entre seus seios. Seus nervos respondiam obedientemente à língua dele, mas, era só uma lição de anatomia. Ela recostou-se, deitada de costas, e não se moveu.

Ele estava abrindo seus botões agora; ela viu a ameixa prepotente dele tocar as suas coxas. A seguir, ele abriu as pernas dela e puxou a calcinha apenas o bastante para ter acesso. Ela não fez objeções, nem mesmo um som, quando ele fez sua entrada.

O próprio estrondo dele começou quase que imediatamente, clamores débeis de amor e luxúria emaranhados uns nos outros. Ela ouviu e deixou que ele fizesse sua cena, o rosto dele enterrado nos cabelos dela.

Fechando os olhos, Julia tentou visualizar ocasiões melhores, mas o relâmpago estragou sua visão. Ao que o som seguiu a luz, ela reabriu os olhos, apenas para ver que a porta do quarto úmido tinha sido aberta dois ou três centímetros. Pela estreita abertura entre a porta e o batente, ela pôde discernir uma figura brilhante observando-a.

Não pôde ver os olhos de Frank, mas os sentiu atravessando-a com ira e inveja. Ela não desviou o olhar, mas continuou a encarar a sombra, enquanto os gemidos de Rory se intensificavam. E, no final, um momento se tornou outro, e ela estava deitada na cama, com seu vestido de casamento sendo esmagado sob si, enquanto

uma fera negra e escarlate engatinhava por entre suas pernas para dar a ela uma amostra de amor.

— Pobre garota — foi a última coisa que Rory disse, antes de ser suplantado pelo sono. Ele deitou-se na cama, ainda vestido; ela não tentou despi-lo. Quando ele começou a roncar, ela o deixou e voltou para o quarto.

Frank estava de pé ao lado da janela, observando a tempestade mover-se para o sudeste. Ele tinha arrancado a persiana. A luz da lâmpada lavava as paredes.

— Ele escutou você — ela disse.

— Eu tinha de ver a tempestade — ele respondeu, com simplicidade. — Eu precisava.

— Ele quase te encontrou, droga.

Frank balançou a cabeça.

— Não existe algo como "quase" — respondeu, ainda olhando para fora. Então, após uma pausa, prosseguiu, — Quero sair daqui. Quero ter *tudo* novamente.

— Eu sei.

— Não, não sabe — ele disse. — Você não faz ideia da fome que sinto dentro de mim.

— Amanhã, então — ela disse. — Trarei outro corpo amanhã.

— Sim, faça isso. E quero outra coisa. Um rádio. Quero saber o que está acontecendo lá fora. E comida. Comida de verdade. Pão fresco…

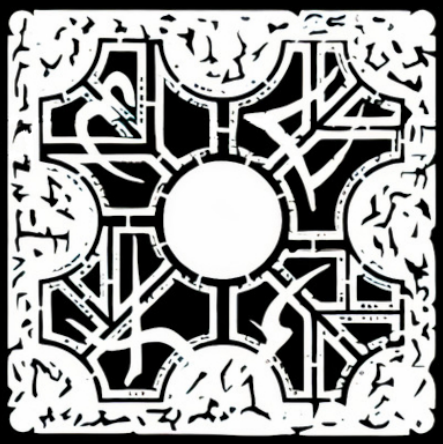
— Qualquer coisa que você precisar.

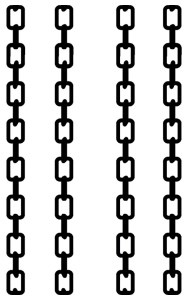
— …e gengibre. Do tipo conservado, sabe? Em calda.

— Eu sei.

Ele deu uma breve olhadela para ela, mas não a estava vendo. Havia muito do mundo para se refamiliarizar naquela noite.

— Não percebi que era outono — ele disse, e voltou a observar a tempestade.





IX

A primeira coisa que Kirsty reparou quando chegou na esquina da Lodovico Street no dia seguinte foi que a persiana da janela dianteira superior tinha desaparecido. Em seu lugar, folhas de jornal tinham sido coladas no vidro.

Ela arrumou um ponto de tocaia atrás de uma cerca viva, onde esperava poder observar a casa sem ser vista. Então, deu início à vigília.

A recompensa não veio rápido. Mais de duas horas se passaram antes que ela visse Julia deixar a casa e mais uma hora e meia até que ela retornasse, quando os pés de Kirsty já estavam entorpecidos de frio. Julia não voltara só. Kirsty não reconheceu o homem com quem ela estava e, na verdade, ele também não parecia fazer parte do círculo de amigos de Julia. De longe, ele parecia estar na meia-idade, era careca e atarracado. Quando seguiu Julia até o interior da casa, ele deu uma olhadela nervosa para trás, como se temesse que alguém estivesse observando.

Ela esperou no seu esconderijo por mais meia hora, incerta do que fazer a seguir. Deveria aguardar ali até que o homem saísse e, então, confrontá-lo ou deveria ir até a casa e tentar forçar sua entrada? Em vez disso, ela

se aproximou da casa e decidiu ver que inspiração o momento traria.

A resposta foi mínima. Conforme ela tomou o caminho, seus pés coçaram, querendo levá-la embora. Em verdade, ela estava prestes a fazer isso, quando escutou um grito vindo lá de dentro.

O nome do homem era Sykes, Stanley Sykes. E isso não foi tudo que ele disse para Julia ao saírem do bar. Ela sabia o nome da esposa dele (Maudie), a ocupação (quiropodista assistente) e viu fotografias dos filhos dele (Rebecca e Ethan). O homem parecia estar desafiando-a a prosseguir a sedução. Ela simplesmente sorriu e disse que ele era um sujeito de sorte.

Mas, uma vez dentro da casa, as coisas começaram a dar errado. Na metade das escadas, nosso amigo Sykes anunciou de repente que o que estava fazendo era *errado* — que Deus os estava vendo, que conhecia o coração deles e que sabia que eram pobres de espírito. Julia fez o que pôde para acalmá-lo, mas não conseguiria levar a melhor em cima do Senhor. Pelo contrário, ele perdeu a cabeça e a golpeou. Em sua ira virtuosa, ele poderia ter feito ainda pior, se não fosse pela voz que o chamou do corredor. Sykes parou de bater em Julia imediatamente e ficou tão pálido como se acreditasse que o chamado havia sido feito pelo próprio Deus. Então Frank apareceu no topo das escadas em toda a sua glória. Sykes soltou um grito e tentou correr, mas Julia foi rápida. Ela o segurou tempo suficiente para que Frank descesse os degraus e o agarrasse.

Ela não tinha percebido o quanto Frank havia se tornado forte até escutar o estalo dos ossos rompendo quando ele dominou a presa; sem sombra de dúvida, mais forte que um homem normal. Ao toque de Frank, Sykes voltou a gritar. Para silenciá-lo, Frank arrancou sua mandíbula.

O segundo grito que Kirsty escutou terminara de forma abrupta, mas ela percebera pânico suficiente no som para ir até a porta e quase bater.

Somente então, pensou melhor na questão. Em vez disso, decidiu contornar a casa, duvidando a cada passo que dava se aquela era uma boa ideia, mas igualmente certa de que um ataque frontal não a levaria a lugar algum. O portão que dava acesso ao jardim nos fundos estava sem cadeado. Ela o atravessou, os ouvidos sensíveis a qualquer som, especialmente o dos próprios pés. Não escutou nada na casa. Nem mesmo um gemido.

Deixando o portão aberto para o caso de precisar fazer uma retirada rápida, foi até a porta dos fundos. Estava destrancada. Desta vez, Kirsty permitiu que a dúvida atrasasse seus passos. Talvez ela devesse telefonar para Rory e pedir que voltasse para casa. Mas, quando ele chegasse, o que quer que esteja ocorrendo ali dentro, já poderia ter acabado e ela sabia muito bem que, a não ser que Julia fosse apanhada com a mão na massa, daria um jeito de escapar das acusações. Não, aquela era a única maneira. Kirsty entrou.

A casa estava totalmente silenciosa. Não havia nem sequer um som de passos para ajudá-la a localizar os atores que viera assistir. Ela andou até a porta da cozinha e, dali, para a sala de estar. Seu estômago se contorceu; a garganta ficou subitamente tão seca, que ela mal podia engolir.

Da sala de estar para o saguão e dali para o corredor. Ainda nada. Nenhum sussurro ou suspiro. Julia e seu companheiro só podiam estar lá em cima, o que sugeria que Kirsty errara ao interpretar medo nos gritos. Talvez fosse prazer o que havia escutado. Um orgasmo ruidoso, em vez do terror que ela acreditara. Um erro simples de ser cometido.

A porta da frente estava à direita, a poucos metros de distância. Ela ainda poderia sair dali; a covarde dentro

dela a tentou e ninguém poderia condená-la. Mas uma curiosidade feroz tinha se instalado dentro dela, o desejo de saber (de *ver*) os mistérios que a casa encerrava e dar cabo deles. Conforme subia as escadas, a curiosidade tornou-se um tipo de excitação.

Ela chegou ao topo e começou a atravessar o corredor. Ocorreu-lhe então o pensamento de que os passarinhos deviam ter voado, de que, enquanto ela dava a volta e ia para os fundos da casa, eles haviam saído pela frente.

A primeira porta à esquerda era o quarto: se Julia e seu consorte estivessem transando em algum lugar, sem dúvida seria ali. Mas, não. A porta estava entreaberta; ela espiou. A cama estava imaculada.

Súbito, um grito disforme. Tão próximo, tão alto, que o coração dela perdeu o ritmo.

Kirsty saiu do quarto acocorada, em tempo de ver uma figura sair abruptamente de um dos cômodos mais distantes do corredor. Levou um pouco de tempo para que ela reconhecesse o inquieto homem que chegara com Julia e, mesmo então, somente pelas roupas. O resto estava mudado, horrivelmente mudado. Uma doença assoladora o acometera nos minutos desde que ela o vira no degrau de entrada, tremendo dos pés à cabeça.

Ao ver Kirsty, ele arremeteu contra ela, buscando qualquer que fosse a frágil proteção que ela pudesse oferecer. Mas, mal havia dado um passo além da porta, quando uma forma surgiu por detrás dele. Ela também parecia doente, seu corpo com bandagens da cabeça aos pés — as ataduras manchadas por sangue e pus. Contudo, não havia nada na sua velocidade ou na ferocidade do ataque posterior que sugerisse qualquer doença. Muito pelo contrário. A forma alcançou o homem e o segurou pelo pescoço. Kirsty deixou um grito

escapar quando o captor arrastou a presa de volta aos seus braços.

A vítima protestou o mínimo que sua face deslocada permitiu. Então, o antagonista apertou a pegada. O corpo tremeu e se contorceu; as pernas se afivelaram. Sangue jorrou dos olhos, nariz e boca. Borrifos dele preenchiam o ar como granizo quente quebrando contra a fronte. A sensação a arrancou da inércia. Aquela não era hora de esperar e observar. Ela *correu.*

O monstro não a perseguiu. Ela alcançou o topo das escadas sem ser apanhada. Mas, quando os pés dela começaram a descer, ele falou com ela.

Sua voz era… familiar.

— Aí está você — a coisa disse num tom comovido, como se a conhecesse. Ela parou.

— Kirsty — disse a coisa. — Espere um pouco.

A cabeça dela mandou que corresse, mas sua coragem desafiou a sabedoria. Ela queria lembrar-se de quem era a voz; julgou que ainda poderia empreender uma boa fuga — tinha uma vantagem de oito metros. Olhou para a figura. O corpo nos braços dela tinha se encurvado em posição fetal, as pernas contra o peito. A fera o largou.

— Você matou ele… — disse Kirsty.

A coisa assentiu. Aparentemente, não havia desculpas a dar, nem para a vítima, nem para a testemunha.

— Choraremos por ele depois — a coisa refletiu, dando um passo na direção dela.

— Onde está Julia? — inquiriu Kirsty.

— Não se irrite. Está tudo bem… — disse a voz. Kirsty estava prestes a se lembrar de quem era.

Enquanto ela quebrava a cabeça, a coisa deu mais um passo, uma mão encostada na parede, como se o seu equilíbrio ainda estivesse incerto.

— Eu vi você — a coisa prosseguiu. — E acredito que você me viu. Na janela…

A mística aumentou. Será que aquela coisa estava na casa há tanto tempo? Se sim, com certeza Rory devia…

Então, ela reconheceu a voz.

— Sim. Você se lembra. Posso ver que se lembra…

Era a voz de *Rory*, ou melhor, uma aproximação dela. Mais gutural, mais autocentrada, mas a semelhança era suficiente para manter Kirsty plantada no lugar, enquanto a fera cambaleava em sua direção até entrar numa distância em que poderia agarrá-la.

Enfim, ela abjurou seu fascínio e virou-se para fugir, mas a causa já estava perdida. Ela escutou as passadas próximas e sentiu os dedos se fecharem no pescoço. Um grito chegou aos seus lábios, mas ele mal se pronunciara antes que a coisa fechasse a palma enrugada no rosto dela, impedindo de uma só vez o grito e a respiração.

A coisa a tirou do chão pelas costas. Kirsty se debateu em vão contra o aperto; as pequenas feridas que seus dedos causaram no corpo, rasgando bandagens e cavando a carne crua sob elas, pareceu deixar a coisa totalmente inerte. Por um momento horrendo, seus calcanhares tocaram o cadáver no chão e, a seguir, ela se viu sendo arrastada para o cômodo de onde o vivo e o morto haviam saído. Ele fedia a leite azedo e carne fresca. Ao ser jogada no chão, sentiu o assoalho úmido e quente.

O estômago dela quis virar do avesso. Kirsty não combateu o instinto, e vomitou tudo o que tinha na barriga. Por causa da confusão daquele atual desconforto e do terror antecipado, ela não teve certeza do que aconteceu a seguir. Será que vislumbrou outra pessoa (Julia) no corredor quando a porta estava batendo ou era só uma sombra? De qualquer modo, era tarde demais para apelos. Ela estava sozinha com o pesadelo.

Limpando a bile da boca, se pôs de pé. A luz do dia perfurava os jornais na janela aqui e ali, salpicando o

quarto como raios de sol através de galhos. E, por este pastoril, a coisa veio farejando em sua direção.

— Vem para o papai — a coisa disse.

Nos seus vinte e seis anos, Kirsty jamais escutara convite mais fácil de ser recusado.

— Não toque em mim! — ela gritou.

A fera empertigou um pouco a cabeça, como se estivesse encantada com aquela demonstração de propriedade. Então, começou a cercá-la. A coisa era toda pus, gargalhadas e, para a desgraça de Kirsty, *desejo.*

A garota recuou alguns desesperados centímetros para o canto, até que não havia mais para onde ir.

— Você não se lembra de mim? — a coisa disse.

Ela balançou a cabeça. A resposta veio a seguir:

— Frank. Eu sou o irmão Frank...

Ela encontrara Frank uma única vez, na Alexandra Road. Ele viera fazer uma visita certa tarde, pouco antes do casamento. Não conseguia lembrar-se de muito mais, exceto que o detestara logo de cara.

— Me deixa em paz — ela gritou, quando a coisa tentou agarrá-la. Havia uma sutileza vil na maneira com que os dedos manchados tocaram os seios da moça.

— *Não* — Kirsty berrou. — Ou eu vou…

— Vai o quê? — perguntou a voz de Rory. — O que você vai fazer?

A resposta, claro, era *nada.* Ela estava indefesa, de uma forma como só estivera em sonhos; aqueles sonhos de perseguições e ataques que a psique dela sempre encenara em algum gueto de noite eterna. Nunca — nem mesmo nas suas fantasias mais desmioladas — Kirsty antecipara que a arena seria um quarto por onde passara uma dúzia de vezes, numa casa onde fora feliz, enquanto lá fora, o dia prosseguia como sempre.

Num gesto fútil de repugnância, ela empurrou a mão que a investigava.

— Não seja cruel — a coisa disse, e seus dedos voltaram a encontrar a pele dela, tão tenazes quanto as vespas de outubro. — Você está com medo de quê?

— Lá fora — ela começou a dizer, pensando no horror que testemunhara no corredor.

— Um homem tem de comer — respondeu Frank. — Com certeza pode me perdoar por isso?

Por que ela teve que sentir o toque dele, Kirsty se perguntou? Por que os nervos dela não partilharam do seu nojo e morreram quando ele a tocou?

— Isto não está acontecendo — murmurou para si própria, mas a coisa apenas riu.

— Eu costumava dizer isso pra mim mesmo — ele falou. — Todo santo dia. Costumava tentar sonhar pra espantar a agonia. Mas não é possível, acredite em mim. Não dá. A agonia tem de ser sentida.

Ela sabia que ele dizia a verdade, o tipo de verdade repugnante que somente os monstros têm liberdade para contar. Ele não tinha necessidade de lisonjear ou adular; não tinha filosofia para debater ou um sermão a dar. A horrível nudez era um tipo de sofisticação. Ele superara as mentiras da fé e adentrara reinos mais puros.

Ela sabia também que não *conseguiria* suportar. Que quando suas súplicas vacilassem e Frank a clamasse para qualquer que fosse a vilania que tivesse em mente, ela liberaria tamanho grito que acabaria em pedaços.

A própria sanidade dela estava na berlinda; ela não tinha escolha, senão revidar. E rápido.

Antes que Frank tivesse uma chance de apertá-la ainda mais forte, as mãos dela buscaram o rosto da coisa; dedos cinzelando as órbitas e boca. A carne sob a bandagem tinha consistência de geleia; ela se desfez em pedaços pegajosos, liberando um calor úmido.

A fera gritou e afrouxou a pegada. Aproveitando o momento, Kirsty se libertou, passando por baixo dele; o

ímpeto atirando-a contra a parede com força suficiente para arrancar seu fôlego.

Mais uma vez, Frank rugiu. Ela não perdeu tempo aproveitando o desconforto dele; deslizou pela parede — não confiando suficientemente nas pernas para se mover em território aberto — na direção da porta. Conforme avançava, os pés dela chutaram uma jarra destampada de gengibre em calda que rolou pelo cômodo, derramando as frutas e a calda.

Frank voltou-se para ela, as bandagens no seu rosto pendurada em laços escarlates onde Kirsty rasgara. Em vários locais, o osso estava exposto. Ele passou a mão sobre as feridas, emitindo rugidos de horror enquanto buscava medir o grau das mutilações. Ela o tinha cegado? Kirsty não sabia ao certo. Mesmo que o tivesse, era só uma questão de tempo até que ele a encontrasse no pequeno quarto e, quando o fizesse, sua ira não teria limites. Ela tinha de chegar até a porta antes que ele se reorientasse.

Vã esperança! Ela não teve sequer um instante para dar um passo, antes que ele tirasse as mãos do rosto e examinasse o cômodo. Ele a viu, não havia dúvida. Um instante depois, investiu contra ela com violência redobrada.

Aos pés dela, havia um monte de itens domésticos acumulados. O objeto mais pesado entre eles era uma caixa lisa. Ela abaixou e o apanhou. Assim que ficou de pé, ele já estava sobre ela. Kirsty deu um berro de resistência e tentou dar um soco nele segurando a caixa. O golpe acertou em cheio; ossos se partiram. A fera cambaleou para trás e ela correu para a porta, mas, antes que a alcançasse, a sombra tornou a agarrá-la, arrastando-a mais uma vez ao longo do quarto. A coisa estava furiosa.

Desta vez, Frank não tinha intenção alguma, senão o assassínio. Os golpes dele tencionavam matar e, o fato

de não o terem feito, se deve mais à velocidade da garota do que à imprecisão da fúria dele. Apesar disso, um de cada três golpes a acertava. Rasgos se abriram no rosto e peitoral dela; Kirsty tentava não desmaiar.

Conforme sucumbia ao ataque, ela tornou a se lembrar da arma que encontrara. A caixa ainda estava em suas mãos. Ela a levantou para dar outro golpe, mas, assim que Frank pôs os olhos no objeto, seu ataque cessou abruptamente.

Houve uma trégua ofegante na qual Kirsty teve chance de se perguntar se a morte não seria mais fácil do que continuar lutando. Então Frank ergueu o braço para ela, desenrolou o punho e disse:

— Dê isso para mim.

Parecia que ele queria o objeto, mas Kirsty não tinha intenção de abrir mão da única arma que possuía.

— Não — respondeu.

Ele repetiu a exigência e havia uma distintiva ansiedade em seu tom. Parecia que a caixa era preciosa demais para que ele arriscasse tomá-la à força.

— Última chance — Frank disse a ela. — Me dê a caixa. Aí eu a matarei.

Ela pesou as chances. O que tinha a perder?

— Peça por favor — ela disse.

Ele olhou-a de forma interrogativa; um grunhido suave na garganta. Então, educado como uma criança calculista, disse:

— Por favor.

O pedido foi a deixa. Ela arremessou a caixa pela janela com toda a força que seu braço trêmulo possuía. O objeto passou pela cabeça de Frank, quebrou o vidro e desapareceu da vista.

— *Não!* — ele berrou e, num segundo, estava na janela — *Não! Não! Não!*

Kirsty correu para a porta, as pernas ameaçando falhar a cada passada. A seguir, ganhou o corredor. As

escadas quase a derrotaram, mas ela se agarrou ao corrimão como um idoso e conseguiu chegar ao saguão sem cair.

Lá em cima, escutou novos ruídos. Ele voltara a chamá-la, mas desta vez, ela não seria pega. Correu pelo saguão até a porta de entrada e a abriu.

O dia ficara mais claro desde que havia entrado na casa — um clarão desafiador de luz do Sol antes que a noite caísse. Fechando os olhos por causa do brilho, ela começou a descer os degraus. Havia cacos de vidro sob seus pés e, entre eles, sua arma. Kirsty a apanhou — um suvenir da sua resistência — e correu. Ao chegar propriamente à rua, as palavras começaram a surgir — um balbucio sem sentido, fragmentos das coisas que vira e sentira. Mas a Lodovico Street estava deserta, então ela começou a correr e continuou correndo até ter colocado uma boa distância entre si e a fera das bandagens.

Posteriormente, enquanto vagava por alguma rua que não reconhecia, alguém perguntou a ela se precisava de ajuda. A pequena gentileza a derrotou, pois o esforço de emitir alguma resposta coerente à pergunta era demasiado e a mente dela, exausta, perdeu a aderência à luz.

X

Kirsty acordou numa borrasca — ou tal foi sua impressão. Sobre ela, uma perfeita branquidão, neve sobre neve. Ela estava afundada na neve, repousando na neve. A branquidão era revoltante. Parecia preencher sua garganta e seus olhos.

Ela levantou as mãos diante do rosto; elas cheiravam a um sabonete desconhecido, cujo perfume era forte. Agora, o foco começava a aparecer: as paredes, os lençóis imaculados, a medicação ao lado da cama. Um hospital.

Ela chamou por ajuda. Horas ou minutos depois, ela não saberia dizer, a ajuda chegou na forma de uma enfermeira que apenas disse “Oh, você acordou” e foi buscar seus superiores.

Quando eles vieram, Kirsty não lhes disse nada. Ela decidira no tempo decorrido entre o desaparecimento da enfermeira e o surgimento dos médicos que aquela era uma história que não estava pronta para contar. Amanhã (talvez) ela poderia encontrar palavras para convencê-los do que havia visto. Mas hoje? Se tentasse explicar, eles colocariam a mão na testa dela e diriam que tudo

não passara de delírios, tentando convencê-la de que tivera uma alucinação. Se ela insistisse, eles provavelmente a sedariam, o que pioraria tudo. O que Kirsty precisava era de tempo para pensar.

Tudo isso ela concluíra antes da chegada deles, de modo que quando perguntaram a ela o que havia acontecido, as mentiras estavam prontas. Tudo estava enevoado, ela disse a eles; ela mal conseguia lembrar-se do próprio nome. Eles asseguraram que no tempo devido ela se recordaria de tudo, ao que ela respondeu mansamente que assim esperava. Pediram que descansasse e ela disse que ficaria feliz de fazer justamente isso e bocejou. Então eles foram embora.

— Ah, sim… — disse um deles, quando estava prestes a sair. — Eu esqueci…

Ele tirou a caixa de Frank do bolso.

— Você estava segurando isto quando foi encontrada — disse. — Tivemos um trabalho dos diabos pra tirar da sua mão. Significa alguma coisa pra você?

Ela disse que não.

— A polícia deu uma olhada. Tinha sangue nela, sabe? Talvez fosse seu, talvez não.

Ele se aproximou do leito.

— Você a quer? — perguntou a ela. — Já foi limpa.

— Sim — Kirsty respondeu. — Por favor.

— Pode ajudar sua memória — ele disse, colocando a caixa na mesinha de cabeceira.

2

— O que vamos fazer? — Julia perguntou pela centésima vez. O homem no canto não disse nada e seu rosto também não entregava qualquer sinal interpretável. Ela prosseguiu. — E o que você queria com ela? Você estragou tudo.

— Estraguei? — disse o monstro. — Você não sabe o que "*estragar*" quer dizer.

Ela engoliu a raiva. O silêncio dele a tinha enervado.

— Temos de ir embora, Frank — ela observou num tom mais suave. Ele a encarou com olhos frios como gelo.

— Virão atrás de nós. Ela vai contar tudo.

— Talvez...

— Você não se *importa?* — ela questionou. A massa disforme cheia de bandagens deu de ombros.

— Sim — ele respondeu. — Claro que me importo. Mas não podemos partir, amor.

Amor. A palavra zombava de ambos, um resfolego sentimental numa sala que só conhecera dor.

— Não posso encarar o mundo desta forma — ele apontou para o próprio rosto. — Posso? — Frank a observou, antes de prosseguir. — Olhe para mim.

Julia olhou.

— Posso?

— Não.

— Não — ele voltou a estudar o chão. — Preciso de uma pele, Julia.

— Uma pele?

— Então, talvez... talvez a gente possa ir dançar juntos. Não é isso que você quer?

Ele falava sobre dança e morte com a mesma indiferença, como se uma tivesse tão pouco significado quanto a outra. Ouvi-lo falar daquela maneira a acalmou.

— Como? — Julia perguntou, enfim. Ela queria dizer como uma pele pode ser roubada, mas também queria dizer como sua sanidade sobreviveria.

— Há maneiras — disse o rosto esfolado e, então, soprou-lhe um beijo.

3

Se não fosse pelas paredes brancas, talvez Kirsty nunca tivesse apanhado a caixa. Se houvesse um quadro para olhar — um vaso com margaridas ou pirâmides — qualquer coisa que quebrasse a monotonia do cômodo, ela teria ficado feliz de olhar e pensar. Mas o branco sem fim era demais; ela não dava a Kirsty controle sobre a própria sanidade. Então, ela estendeu o braço e apanhou a caixa.

Era mais pesada do que se lembrava. Ela teve de sentar-se na cama para examiná-la. Havia pouco para ver. Nenhuma tampa que ela tenha conseguido encontrar. Nenhuma fechadura. Nenhuma dobradiça. Ela a girou uma vez sobre o eixo, mas poderia tê-la girado cem vezes, sem encontrar pistas de como abri-la. Ela não era sólida, disso Kirsty estava certa, então, a lógica exigia que houvesse uma maneira de abri-la.

Ela deu umas batidinhas, sacudiu, puxou e apertou, tudo sem resultado. Foi só depois que rolou na cama e a examinou na luz plena do abajur, que descobriu uma pequena pista de como a caixa fora construída. Havia rachaduras infinitesimais nas laterais da caixa, onde uma peça do quebra-cabeça se encaixava na seguinte. Elas poderiam se passar por invisíveis, mas resíduos de sangue tinham permanecido numa delas, traçando a complexa relação entre as partes.

De forma sistemática, ela começou a sentir as laterais, testando sua hipótese ao puxar e empurrar novamente. As rachaduras ofereciam uma geografia geral do brinquedo; sem elas, Kirsty poderia ter vagado pelos seis lados para sempre. Mas as opções foram reduzidas de modo significativo pelas pistas que encontrara; havia um número limitado de formas pelas quais a caixa poderia se abrir.

Após um tempo, a paciência dela foi recompensada. Um clique e, súbito, um dos compartimentos deslizou da lateral de seus vizinhos laqueados. Dentro, havia beleza. Superfícies polidas que cintilavam como madrepérola, sombras coloridas pareciam se mover no brilho.

Também havia música; um tom simples que saiu do interior da caixa, tocado por um mecanismo que ela ainda não conseguia ver. Encantada, Kirsty desenvolveu ainda mais; embora uma peça tivesse sido removida, as demais não saíram. Cada segmento apresentava um novo desafio para os dedos e a mente; as vitórias recompensadas por uma nova filigrana adicionada ao tom.

Ela estava mexendo na quarta parte, fazendo uma série elaborada de volta e contravoltas, quando escutou o sino. Parou a labuta e olhou para cima.

Algo estava errado. Ou seus olhos cansados estavam pregando-lhe truques ou as paredes brancas haviam sutilmente se modificado. Ela largou a caixa e escorregou da cama para ir até a janela. O sino ainda soava; um toque solene. Ela afastou a cortina algumas polegadas. Estava de noite e ventando. Folhas migravam ao longo do gramado do hospital; mariposas congregavam em volta das lâmpadas. Por mais improvável que fosse, o som do sino não estava vindo de fora. Vinha de trás dela. Kirsty largou a cortina e virou-se de frente para o quarto.

Assim que o fez, a lâmpada ao lado da cama queimou como uma chama viva. Instintivamente, ela buscou as peças da caixa; elas e aqueles estranhos eventos estavam de algum modo, interligados. Assim que a mão dela encontrou os fragmentos a luz se apagou.

Contudo, ela não foi deixada nas trevas, nem tampouco estava sozinha. Havia uma suave fosforescência no pé da cama e, nas suas ondulações, uma figura. A condição da sua pele empobreceu a

imaginação de Kirsty — os ganchos, as cicatrizes. Contudo, sua voz, quando ela falou, não foi a de uma criatura em dor.

— Ela se chama a Configuração de Lemarchand — disse, apontando para a caixa. Kirsty olhou para baixo; as peças não estavam mais na sua mão, mas flutuando algumas polegadas acima da palma. De forma milagrosa, a caixa estava remontando a si própria sem ajuda visível; as peças deslizando para se rejuntarem, enquanto todo o construto virava de um lado para o outro. Conforme o fazia, Kirsty pareceu captar novos vislumbres do interior polido e achou ter visto rostos espectrais — distorcidos como que pela dor ou um vidro ruim — uivando para ela. Então, todos os fragmentos foram selados, com exceção de um e o visitante voltou a chamar a atenção dela.

— A caixa é uma maneira de quebrar a superfície do real — explicou. — Um tipo de invocação por meio da qual nós, os Cenobitas, somos notificados…

— Quem? — ela perguntou.

— Você o fez na ignorância — o visitante afirmou. — Estou certo?

— Sim.

— Já aconteceu antes — foi a resposta. — Mas não faz diferença. Não há como fechar a Cisão até que nós apanhemos o que nos pertence…

— Isto é um erro — disse Kirsty.

— Não tente lutar. Isto está além do seu controle. Você tem de me acompanhar.

Ela balançou a cabeça. Ela já tivera pesadelos para atormentá-la por toda uma vida.

— Não vou com você — afirmou. — Maldito seja. Não vou mesmo…

Enquanto falava, a porta se abriu. Uma enfermeira que ela não reconheceu — provavelmente do turno da noite — estava parada ali.

— Você chamou? — ela perguntou.

Kirsty olhou para o Cenobita e novamente para a enfermeira. Eles estavam a não mais que um metro um do outro.

— Ela não me enxerga — ele explicou — nem me escuta. Eu pertenço a você, Kirsty. E você a mim.

— Não — ela disse.

— Tem certeza? — confirmou a enfermeira. — Achei ter ouvido…

Kirsty balançou a cabeça. Aquilo era loucura, uma loucura.

— Você devia estar dormindo — a enfermeira esbravejou. — Vai ficar resfriada.

O Cenobita riu.

— Vou voltar daqui a cinco minutos — completou a enfermeira. — Por favor, volte a dormir.

E ela foi embora.

— É melhor irmos — ele disse. — Deixe-os com sua mixórdia, não? Estes lugares são tão deprimentes.

— Você não pode fazer isso — insistiu Kirsty.

Apesar disso, ele foi na direção dela. Uma fileira de pequenos sinos pendurados no pescoço descarnado soou conforme ele se aproximou. O fedor fez com que ela quisesse vomitar.

— Espere — ela disse.

— Sem lágrimas, por favor. É um verdadeiro desperdício de bom sofrimento.

— A caixa… — ela disse, desesperada. — Não quer saber onde consegui a caixa?

— Não particularmente.

— Frank Cotton — ela revelou. — O nome diz algo a você? Frank Cotton?

O Cenobita sorriu:

— Ah, sim. Conhecemos Frank.

— Ele também resolveu a caixa, estou certa?

— Ele queria prazer, até que o demos a ele. Então, ele se contorceu.

— Se eu levar você até ele…

— Então… ele está vivo?

— Sim, muito vivo.

— E o que você está propondo? Que eu o apanhe de volta no seu lugar?

— *Sim, sim. Por que não? Sim.*

O Cenobita afastou-se dela. O quarto deu um suspiro.

— Estou tentado — ele disse. — Mas talvez você esteja me enganando. Talvez seja só uma mentira para que consiga mais tempo.

— Pelo amor de Deus, eu sei onde ele *está* — ela bradou. — Ele fez isto comigo!

Ela mostrou as lacerações nos braços para o exame dele.

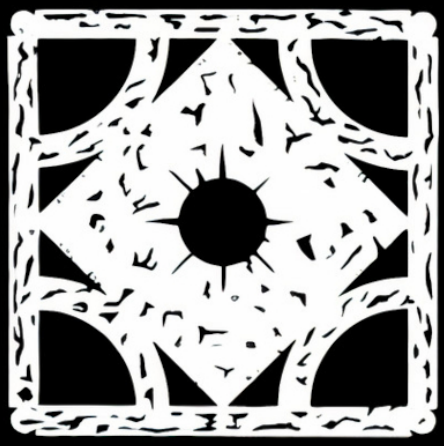
— Se estiver mentindo — ele ameaçou — se estiver tentando escapar disto…

— Eu não estou.

— Então, entregue-o vivo para nós…

Ela quase chorou de alívio.

— …faça com que ele confesse. E, quem sabe, não despedaçaremos a sua alma.



XI

I

Rory ficou parado no corredor e olhou para Julia, *sua* Julia, a mulher que outrora ele jurara ser fiel e cuidar até que a morte os separasse. Na época, não parecia uma promessa tão difícil de ser mantida. Ele a idolatrara desde sempre, sonhando com ela à noite e passando o dia compondo poemas de amor de selvagem inaptidão sobre ela. Mas as coisas tinham mudado e ele descobrira, conforme a observara mudar, que os maiores tormentos costumam ser os mais sutis. Em tempos recentes, houve ocasiões em que ele preferiria ser pisoteado por cavalos selvagens a sentir aquela suspeita ansiosa que degradara tanto sua alegria.

Agora, enquanto a encarava, era impossível sequer recordar-se do quanto as coisas já haviam sido boas. Tudo era dúvida e imundície.

Mas uma coisa o alegrava: ela parecia perturbada. Talvez aquilo quisesse dizer que havia uma confissão a ser feita, indiscrições que ela colocaria para fora e pelas quais ele a perdoaria num arroubo de lágrimas e compreensão.

— Você parece triste — disse Rory.

Ela hesitou, mas disse a seguir:

— Está difícil, Rory.

— O que foi?

Ela parecia querer desistir antes mesmo de ter começado.

— O que foi? — ele insistiu.

— Tem tanta coisa que preciso contar a você.

Ele viu a mão dela apertar o corrimão tão forte que as juntas ficaram brancas.

— Estou escutando — ele disse. Ele voltaria a amá-la se ela fosse sincera — Pode falar comigo…

— Acho que, talvez… talvez fosse mais fácil se eu *mostrasse* a você… — após dizer isso, ela o levou para o andar de cima.

2

O vento que varria as ruas não era quente, a julgar pela forma que os pedestres subiam a gola e abaixavam o rosto. Mas Kirsty não sentiu o frescor. Seria a companhia invisível dela que a impedia de sentir frio, protegendo-a com aquele fogo que os Antigos conjuravam para queimar os pecadores? Ou isso ou ela estava apavorada demais para sentir qualquer coisa.

Mas, na verdade, não era assim que se sentia; ela não estava apavorada. O sentimento nas suas entranhas era bem mais ambíguo. Ela abrira uma porta — a mesma que o irmão de Rory tinha aberto — e agora, caminhava ao lado de demônios. E, no final da sua jornada, se vingaria. Ela encontraria a coisa que a tinha ferido e atormentado, e a faria sentir a impotência que ela própria sofrera. Ela o assistiria se contorcer e apreciaria. A dor havia transformado Kirsty numa sádica.

Ao chegar à Lodovico Street, olhou ao redor em busca de algum sinal do Cenobita, mas não havia ninguém à vista. Sem se deixar intimidar, ela aproximou-se da casa. Não tinha qualquer plano em mente; havia variáveis demais a serem julgadas. Pra começo de conversa, Julia estaria presente? Se sim, de que forma estava envolvida em tudo aquilo? Era impossível crer que ela fosse uma espectadora inocente, mas, quem sabe, tivesse agido por medo de Frank; os minutos seguintes poderiam fornecer as respostas. Kirsty tocou a campainha e aguardou.

A porta foi aberta por Julia. Em sua mão, trazia um laço branco.

— Kirsty — ela disse, aparentemente imperturbável pela visita — Já está tarde…

— Onde está Rory? — foram as primeiras palavras de Kirsty. Elas acabaram não sendo bem o que pretendia, mas saíram espontaneamente.

— Ele está aqui — Julia respondeu calmamente, como se buscasse acalmar uma criança maníaca. — Tem algo de errado?

— Queria vê-lo — Kirsty respondeu.

— Rory?

— Sim…

Ela foi até a soleira sem esperar um convite. Julia não fez objeções, mas fechou a porta atrás dela. Somente então Kirsty sentiu o frio. Ela ficou parada no saguão e estremeceu.

— Você está com uma aparência terrível — disse Julia.

— Eu estava aqui esta tarde — Kirsty vomitou. — Vi o que aconteceu, Julia. Eu vi…

— O que havia pra ver? — foi a resposta; a pose de Julia não se alterou.

— Você sabe.

— Não sei mesmo.

— Eu quero falar com Rory…

— Tá bom — Julia assentiu. — Mas pegue leve com ele. Rory não está se sentindo muito bem.

Ela levou Kirsty até a sala de jantar. Rory estava sentado à mesa; segurava uma taça de vinho, com a garrafa ao lado. Sobre uma cadeira adjacente, estava o vestido de casamento de Julia. A visão dele trouxe o reconhecimento imediato do laço na mão da anfitriã; era o véu da noiva.

Rory parecia ferido. Havia sangue seco em seu rosto e na linha dos cabelos. O sorriso que ele deu foi cálido, porém fatigado.

— O que aconteceu…? — ela perguntou.

— Está tudo bem agora, Kirsty — ele respondeu. Sua voz era pouco mais do que um sussurro. — Julia contou-me tudo… e está tudo bem.

— Não — ela disse, sabendo que ele não poderia ter conhecimento de toda a história.

— Você veio aqui esta tarde.

— Isso mesmo.

— Foi uma pena.

— Você… você pediu que eu viesse… — ela olhou para Julia, que estava de pé na porta, então olhou de volta para Rory. — Eu fiz o que me pediu.

— Sim, eu sei. Só sinto que tenha sido arrastada para este negócio horrível.

— Você sabe o que seu irmão fez? — ela perguntou. — Sabe o que ele invocou?

— Sei o suficiente — Rory respondeu. — Mas o importante é que tudo está acabado agora.

— O que quer dizer?

— O que quer que ele tenha feito a você, eu vou compensar…

— O que quer dizer com “*acabado*”*?*

— Ele está morto, Kirsty.

(“*...entregue-o vivo para nós e, quem sabe, não despedaçaremos a sua alma*.”)

— Morto?

— Nós o destruímos, Julia e eu. Não foi tão difícil. Ele achou que poderia confiar em mim, achou que o sangue fosse mais denso que a água. Bem, não é. Eu não poderia deixar que um homem como ele vivesse...

Ela sentiu algo fisgar na sua barriga. Será que os Cenobitas já tinham metido seus ganchos nela, derramando suas entranhas no chão?

— Você foi muito gentil, Kirsty, arriscando-se a voltar aqui...

(Havia algo atrás do ombro dela. “*Dê-me sua alma*”, a coisa falou.)

— Assim que me sentir um pouco mais forte, vou às autoridades. Dar um jeito de fazer com que compreendam...

— Você o matou? — ela perguntou.

— Sim.

— Eu não acredito — murmurou Kirsty.

— Leve-a lá pra cima — Rory falou para Julia. — Mostre a ela.

— Você quer ver? — Julia inquiriu. Kirsty acenou com a cabeça e a seguiu.

Estava mais quente no corredor do que lá embaixo, e o ar parecia gorduroso e cinza, como água de louça suja.

A porta do quarto de Frank estava entreaberta. A coisa que estava deitada no assoalho num emaranhado de bandagens rasgadas ainda fumegava. O pescoço havia claramente sido quebrado, a cabeça torta sobre os ombros. Ele estava sem pele da cabeça aos pés.

Kirsty desviou o olhar, nauseada.

— Satisfeita? — perguntou Julia.

Kirsty não respondeu, mas saiu do cômodo para o corredor. Sobre os ombros dela, o ar estava irrequieto.

(“*Você perdeu*”, algo disse próximo a ela. “*Eu sei*”, ela murmurou.)

O sino começou a soar, com certeza chamando-a; e ouviu-se um rebuliço de asas próximo dali, um desfile de aves carniceiras. Ela desceu as escadas correndo, rezando para que não fosse levada antes de chegar à porta. Se fossem arrancar a cabeça dela, que Rory fosse poupado da visão. Que ele se lembrasse dela forte, com um sorriso nos lábios e não súplicas. Atrás dela, Julia perguntou:

— Aonde você está indo?

Quando não houve resposta, ela a seguiu, falando:

— Não diga nada a ninguém, Kirsty. Podemos lidar com isso, Rory e eu…

A voz dela afastou Rory de seu drinque. Ele apareceu no corredor. Os ferimentos feitos por Frank pareciam mais severos do que Kirsty pensara a primeira vista. O rosto dele sofrera dúzias de hematomas e a pele do pescoço parecia arada. Quando os dois ficaram lado a lado, ele segurou-a pelo braço.

— Julia tem razão. Deixe com a gente para relatar isso, certo?

Havia tantas coisas que ela queria contar a ele naquele momento, mas o tempo não permitia. O sino estava ficando mais alto dentro da sua cabeça. Alguém havia anelado as entranhas ao redor do pescoço dela e apertava o nó.

— É tarde demais… — ela murmurou para Rory, libertando-se da mão dele.

— O que você quer dizer? — ele perguntou, vendo-a cobrir os poucos metros até a porta. — Não vá embora, Kirsty. Ainda não. Explique o que quer dizer.

Ela não conseguiu evitar dar uma última olhadela para ele, na esperança de que ele percebesse, no rosto dela, todos os arrependimentos que ela sentia.

— Está tudo bem — ele disse com suavidade, ainda na esperança de acalmá-la. — De verdade — então, abriu os braços e falou: — *Venha para o papai.*

A frase não pareceu correta saindo da boca de Rory. Alguns garotos não nasceram para ser pais, não importa quantos filhos tenham.

Kirsty se apoiou na parede para firmar-se.

Não era Rory quem conversava com ela. Era Frank. De algum modo, era Frank…

Ela apegou-se ao pensamento em meio aos sinos badalando tão alto, que parecia que seu crânio racharia ao meio. Rory ainda sorria para ela, os braços abertos. Ele continuava falando, mas ela não escutava mais o que dizia. A carne macia do rosto dele moldava as palavras, mas os sinos as afogavam. Ela ficou grata pelo fato; facilitou para que desafiasse a evidência que tinha diante dos seus olhos.

— Eu sei quem você é… — Kirsty falou de súbito, incerta de suas palavras serem audíveis ou não, mas indiscutivelmente segura de serem verdadeiras. O cadáver de Rory estava lá em cima, deixado para apodrecer em meio às bandagens de Frank. A pele usurpada estava agora casada ao corpo do irmão, o matrimônio selado com a concessão do sangue. Sim! Era isso.

Os nós em volta do pescoço dela apertavam; levaria apenas alguns instantes até que eles a arrastassem. Em pânico, ela virou-se e foi na direção da coisa que tinha o rosto de Rory.

— É você… — ela disse.

O rosto sorriu para ela, sem consternação alguma.

Ela o golpeou. Surpreso, ele deu um passo para trás para evitar o toque dela, movendo-se com uma preguiça graciosa, mas, de algum modo, ainda assim conseguindo evitá-la. Os sinos eram intoleráveis; eles estavam esmagando os pensamentos de Kirsty, transformando os

tecidos do cérebro em pó. À beira da insanidade, ela investiu de novo e de novo contra ele, mas desta vez, a coisa não conseguiu desviar. As unhas arrancaram a carne da bochecha dele; a pele, recentemente enxertada, rasgou como seda. A carne manchada de sangue debaixo dela ficou horrivelmente à vista.

Atrás dela, Julia gritou.

E, de repente, os sinos não estavam mais dentro da cabeça de Kirsty. Eles estavam na casa, no mundo.

As luzes do corredor incandesceram e a seguir apagaram, com seus filamentos sobrecarregados. Houve um período curto de escuridão total, durante o qual ela escutou um choro que pode ou não ter saído dos seus próprios lábios. Então, foi como se fogos de artifício ganhassem vida dentro das paredes e do chão. O saguão dançou. Num momento um matadouro (as paredes ficando escarlates), no seguinte, um quarto feminino (pó azul, amarelo canário); então, um túnel como o de um trem fantasma — tudo velocidade e fogo súbito.

Pela luz de um clarão, ela viu Frank mover-se em sua direção. O rosto descartado de Rory pendurado na mandíbula. Ela evitou o braço que a buscava e se agachou até chegar à sala da frente. Percebeu que o aperto em seu pescoço tinha relaxado, aparentemente, os Cenobitas tinham se dado conta do engano. Eles logo interfeririam, com certeza, e dariam um fim àquela farsa de identidades trocadas. Mas ela não queria mais esperar para ver Frank ser clamado; para ela, aquilo já era o bastante. Em vez disso, pensou em fugir da casa pela porta dos fundos e deixar tudo por conta deles.

O otimismo teve vida curta. Os fogos de artifício no corredor lançaram alguma luz à frente dela, na sala de estar, o bastante para ver que esta já se encontrava enfeitiçada. Havia algo se movendo no chão, como cinzas sopradas pelo vento, e correntes pinoteando no ar. Kirsty podia ser inocente, mas as forças libertas ali

eram indiferentes a tais trivialidades; ela sentiu que dar mais um passo seria um convite às atrocidades.

A hesitação de Kirsty a pôs de novo ao alcance de Frank, mas ao que ele a agarrava, os fogos de artifício esmoreceram, dando a ela chance de fugir novamente e se ocultar nas trevas. O respiro foi breve. As luzes já se renovavam no saguão e ele voltou a persegui-la, bloqueando a passagem pela porta da frente.

Por que eles não o clamavam, pelo amor de Deus? Ela não os trouxera até ali conforme prometido e o desmascarara?

Frank abriu seu casaco. No cinto, havia uma faca ensanguentada, sem dúvida afiada. Ele a sacou e apontou para Kirsty.

— De agora em diante — disse, enquanto a perseguia — eu serei Rory.

Ela não tinha escolha, senão afastar-se dele, deixando a porta (a fuga, a sanidade) mais longe a cada passo.

— Você entendeu? Eu sou Rory agora. E ninguém jamais poderá dizer o oposto.

O calcanhar dela chegou ao fundo das escadas e, súbito, outras mãos estavam sobre seu corpo, alcançando-a através do corrimão e agarrando cachos de cabelo. Ela virou a cabeça para olhar para cima. Claro que era Julia, o rosto sem energia, toda a paixão consumida. Ela puxou a cabeça de Kirsty para trás, expondo o pescoço no instante em que a lâmina de Frank reluzia na direção dele.

No último momento, Kirsty levantou o braço acima da cabeça e segurou o braço de Julia, derrubando-a de seu posto, no terceiro ou quarto degrau. Perdendo o equilíbrio e a pegada na vítima, Julia deu um grito e caiu, seu corpo ficando entre Kirsty e o golpe de Frank. A lâmina estava próxima demais para ser evitada; ela entrou na lateral de Julia até o cabo. Ela gemeu, então

cambaleou pelo saguão, com a faca enterrada dentro de si.

Frank mal pareceu notar. Seus olhos voltaram-se para Kirsty mais uma vez e brilharam com um apetite horrendo. Ela não tinha para onde ir, senão para *cima*. Os fogos de artifício ainda explodiam, os sinos ainda tocavam, enquanto ela começou a subir as escadas.

Kirsty percebeu que seu atormentador não veio persegui-la de imediato. As súplicas de Julia por ajuda haviam divergido a atenção dele para onde ela estava, na metade do caminho entre as escadas e a porta da frente. Ele arrancou a faca da lateral do corpo dela. Julia deu um grito de dor e, como se fosse ajudá-la, ele sentou-se ao lado de seu corpo. Ela ergueu o braço na direção dele, procurando carinho. Em resposta, ele passou a mão atrás da cabeça dela e a trouxe sobre seu colo. Quando o rosto de ambos ficou a poucos centímetros de distância, Julia pareceu perceber que as intenções de Frank estavam longe de honrosas. Ela abriu a boca para gritar, mas ele selou os lábios dela com os dele e começou a se alimentar. Ela chutou e arranhou o ar, em vão.

Desviando os olhos daquela depravação, Kirsty subiu até o topo das escadas.

O andar de cima não oferecia nenhum lugar real para se esconder, claro, e também não trazia rota de fuga, exceto um salto de uma das janelas. Mas, tendo visto o conforto frio que Frank dera à amante, saltar com certeza era uma opção preferível. A queda poderia quebrar todos os ossos do corpo de Kirsty, mas, pelo menos, privaria o monstro da sua sustância.

Os fogos de artifício enfraqueceram, mergulhando o corredor na mais pura treva. Em vez de andar, ela cambaleou por ele, as pontas dos dedos tocando a parede.

Lá embaixo, tornou a escutar Frank mover-se. Ele tinha acabado com Julia.

Agora, enquanto começava a subir, pronunciava o mesmo convite incestuoso…

— *Venha para o papai*.

Kirsty refletiu que os Cenobitas provavelmente estavam assistindo àquela perseguição com entusiasmo e não agiriam até que restasse somente um jogador: Frank. Ela era uma prenda para o prazer deles.

— Bastardos… — falou, na esperança de que escutassem.

Ela havia chegado quase ao fim do corredor. À sua frente, estava o quarto usado para depósito. Será que ele possuía uma janela grande o bastante para que ela passasse? Se sim, ela saltaria e amaldiçoaria todos eles durante a queda — amaldiçoaria todos. Deus, o Demônio e o que quer que estivesse entre os dois; os amaldiçoaria enquanto caía, esperando apenas que o concreto acabasse rápido com ela.

Frank voltou a chamá-la, quase no topo das escadas. Ela girou a chave na fechadura, abriu o quarto de depósito e entrou.

Sim, havia uma janela. Ela não tinha cortinas e a luz da Lua a atravessava em feixes de indecente beleza, iluminando o caos de caixas e móveis. Ela atravessou a confusão para alcançar a janela. Estava aberta um ou dois centímetros para arejar o cômodo. Kirsty colocou os dedos na moldura e tentou erguê-la o suficiente para que pudesse atravessar, mas a estrutura estava apodrecida e os braços dela não pareciam capazes de movê-la.

Ela procurou rapidamente uma alavanca; uma parte de sua mente calculava friamente o número de passos necessários para que seu perseguidor atravessasse o corredor. Menos de vinte, ela concluiu, enquanto tirava um lençol de cima de uma das caixas de chá, somente

para encontrar um cadáver que a encarava diretamente, com os olhos esbugalhados. Kirsty quase gritou, mas escutou Frank à porta.

— Onde está você? — ele perguntou.

Ela tapou a boca com a mão para impedir que o grito de repulsa saísse. Enquanto o fazia, a maçaneta da porta girou. Kirsty abaixou-se, saindo da vista para trás de uma poltrona, e engoliu o grito.

A porta abriu. Ela escutou a respiração de Frank levemente custosa, e ouviu seus passos no assoalho. Então, o som da porta sendo fechada. Um clique. Silêncio.

Ela esperou alguns segundos e, então, espiou de seu esconderijo, meio que esperando que ele ainda estivesse com ela no quarto, aguardando-a se revelar. Mas, não. Ele havia desaparecido.

Engolir o grito trouxera um efeito colateral nada bem-vindo: soluços. O primeiro, tão inesperado que ela não tivera tempo de contê-lo, soou incrivelmente alto. Mas não houve passos de volta do corredor. Frank, aparentemente, já não conseguia escutá-la. Quando ela voltou à janela, contornando a caixa de chá sepulcral, foi aturdida por um segundo soluço. Ela reprimiu a barriga em silêncio, mas em vão. O terceiro e o quarto vieram, enquanto ela lutava mais uma vez para destravar a janela. Este também foi um esforço infrutífero; a janela não queria cooperar.

Kirsty contemplou brevemente a possibilidade de quebrar o vidro e gritar pedindo socorro, mas logo descartou a ideia. Frank estaria devorando seus olhos antes que os vizinhos acordassem. Em vez disso, refez seus passos até a porta e a abriu uma mínima fração. Até onde seus olhos podiam penetrar as sombras, não havia sinal de Frank. Com cuidado, abriu a porta um pouco mais e voltou ao corredor.

As trevas eram como algo vivo; elas a sufocavam com beijos lúgubres. Ela deu três passos sem incidentes, então um quarto. No quinto (seu número da sorte) o corpo dela cometeu um ato suicida. Ela soluçou e sua mão chegou tarde demais à boca para evitar o estrondo.

Desta vez, ele não passou despercebido.

— Aí está você — disse uma sombra, enquanto Frank deslizava para fora do quarto, bloqueando sua passagem. Ele parecia enorme aos olhos de sua refeição — parecia tão largo quanto o corredor — e cheirava a carne.

Sem nada a perder, ela gritou em desespero quando ele investiu, mas o atacante não se inibiu diante do terror. Com poucos centímetros entre sua carne e a faca, Kirsty atirou-se para o lado e descobriu que o quinto passo a deixara lado a lado com o quarto de Frank. Ela tropeçou porta adentro. Ele a seguiu de perto, coroando seu deleite.

Havia uma janela naquele cômodo, ela sabia; ela própria a quebrara algumas horas antes, mas as trevas estavam tão profundas que Kirsty poderia muito bem estar vendada; nem mesmo a luz do luar podia ser vista. Pareceu que Frank estava igualmente perdido. Ele chamou o nome dela naquele breu; o lamento da faca acompanhava seu chamado conforme ele a brandia no ar. Para frente e para trás, para frente e para trás. Afastando-se do som, os pés dela tropeçaram no emaranhado de bandagens no chão. No momento seguinte, ela estava caindo. Mas não foi no assoalho que ela tombou pesadamente, mas sim sobre o cadáver gorduroso de Rory. A queda arrancou um uivo de horror dela.

— Aí está você — disse Frank. Os golpes da faca ficaram repentinamente mais próximos, a centímetros da cabeça dela, mas Kirsty estava surda para eles. Os braços dela estavam encostados no corpo e a

aproximação da morte não parecia nada perto da dor que sentia agora ao tocá-lo.

— Rory — ela murmurou, feliz de que o nome estaria em seus lábios quando o golpe chegasse.

— Isso mesmo — Frank disse. — Rory.

De alguma maneira, o roubo do nome de Rory era tão imperdoável quanto o roubo da sua pele; ou foi o que a dor de Kirsty lhe falou. Uma pele não era nada. Porcos têm pele; cobras têm pele. Elas são costuras de células mortas, murcham, crescem e murcham novamente. Mas um nome? Aquele era um feitiço que invocava memórias. Ela não permitiria que Frank o usurpasse.

— Rory está morto — ela gritou. As palavras a estocaram e, com a dor, o espectro de um pensamento…

— Calminha, garota — ele disse.

…e se os Cenobitas estivessem esperando pelo nome de Frank em si. O visitante no hospital não havia dito algo sobre Frank *confessar?*

— Você não é Rory — ela bradou.

— Nós sabemos disso — foi a resposta. — Mas ninguém mais sabe.

— Quem é você então?

— Pobre menina. Já está ficando maluquinha, não? Acho que isso é até bom…

— Quem?

— …é mais seguro assim.

— *Quem?*

— Calma, garota — ele disse. Ele estava inclinando-se sobre ela nas trevas, seu rosto a poucos centímetros do dela. — Tudo vai ficar bem. Eu prometo…

— Vai?

— Sim. Frank está aqui, gata.

— Frank?

— Isso mesmo. Eu sou *Frank.*

Ao dizer isso, ele desferiu o golpe derradeiro, mas ela o escutou vindo da escuridão e se desviou de sua

benção. Um segundo depois, o sino recomeçou e a lâmpada nua do quarto brilhou, ganhando vida. Por meio da luz, ela viu Frank ao lado do irmão, a faca enterrada nas nádegas do cadáver. Enquanto tentava arrancá-la da ferida, ele voltou a firmar os olhos sobre ela.

Mais uma badalada; ele estava de pé e a teria atacado… se não fosse pela voz.

Ela disse o nome dele, com leveza, como se chamasse uma criança para brincar.

— Frank.

O rosto dele caiu pela segunda vez naquela noite. Um olhar intrigado cruzou suas feições, transformando-se em horror.

Ele virou a cabeça lentamente para encarar o falante. Era o Cenobita com seus ganchos reluzentes. Atrás dele, Kirsty viu outras três figuras; suas anatomias um catálogo de desfiguração.

Frank olhou de volta para Kirsty.

— Você fez isso — ele disse.

Ela consentiu.

— Saia daqui — disse um dos recém-chegados. — Este assunto não é mais da sua conta.

— Sua puta! — Frank berrou para ela. — Puta! *Sua puta maldita e traiçoeira!*

O hino de raiva a seguiu do cômodo até a porta. Quando a palma dela segurou a maçaneta, ela o escutou perseguindo-a e virou-se para descobrir que ele estava a menos de um passo de distância, a faca a um fio de cabelo de seu corpo. Mas ali ele foi detido, incapaz de avançar outro milímetro sequer.

Eles o fisgaram com seus ganchos, na carne dos braços e pernas e ondularam a carne do rosto. Ligados aos ganchos, correntes que eles seguravam com firmeza. Houve um som suave; a resistência dele fazia com que as lâminas rasgassem seus músculos. A boca foi escancarada, o pescoço e o peito expostos.

A faca caiu de seus dedos. Ele emitiu um último e incoerente impropério para ela, o corpo tremendo agora, enquanto perdia a batalha contra aqueles que o clamavam. Centímetro após centímetro ele foi arrastado de volta para o meio do quarto.

— *Vá* — disse a voz do Cenobita. Ela não conseguia mais vê-los; eles já estavam perdidos atrás do ar salpicado de sangue. Aceitando o convite, ela abriu a porta enquanto, lá atrás, Frank começava a gritar.

Quando pisou no corredor, gesso começou a cair do teto; a casa estava rugindo do porão ao telhado. Ela sabia que tinha de ser rápida, antes que, qualquer que fosse o demônio à solta ali, pusesse o lugar abaixo.

Mas, embora o tempo fosse escasso, não conseguiu evitar dar uma última olhadela para Frank, para ter certeza de que ele não viria mais atrás dela.

Ele estava *in extremis*, enganchado em uma dúzia de lugares ou mais, feridas novas o escavavam diante dos olhos dela. De braços abertos sob a lâmpada solitária, o corpo estendido aos limites da resistência e além, soltando gritos que poderiam até ter arrancado dó dela, se Kirsty não o conhecesse.

De repente, os gritos cessaram. Houve uma pausa e, então, num último ato de desafio, ele ergueu a pesada cabeça e a encarou, cruzando o olhar dela com olhos de onde toda a malícia e mistificação haviam desaparecido. Ao descansarem sobre ela, eles brilharam; pérolas em carne putrefata.

Em resposta, as correntes apertaram um centímetro a mais, mas os Cenobitas não obtiveram um novo grito dele. Em vez disso, ele mostrou a língua para Kirsty e a sacudiu para frente e para trás por entre os dentes, num gesto de lascívia impenitente.

Então, ele foi descosturado.

Os membros separados do dorso e a cabeça dos ombros, numa turbulência de fragmentos de ossos e

calor. Ela bateu a porta quando algo fez um baque do outro lado. Talvez a cabeça dele, ela pensou.

Kirsty desceu as escadas cambaleando, com lobos uivando dentro das paredes e os sinos em tumulto e, por todos os lados — engrossando o ar como fumaça — os fantasmas de aves feridas, a ponta de uma asa costurada à do próximo, perdidos em voo.

Ela chegou ao final das escadas e cruzou o saguão até a porta de entrada, mas, quando estava próxima da liberdade, escutou alguém chamar seu nome.

Era Julia. Havia sangue no chão do saguão, marcando uma trilha do ponto onde Frank a abandonara, até a sala de estar.

— Kirsty — ela chamou novamente. Era um som digno de pena e, apesar do ar sufocado pelas asas, ela não conseguiu evitar segui-lo, indo até a sala de jantar.

Os móveis eram carvões fumegantes; as cinzas que vira se tornaram um carpete imundo. E ali, em meio àquela desolação doméstica, a noiva estava sentada.

Por meio de algum ato extraordinário de força de vontade, Julia conseguira pôr o vestido de noiva e o véu na cabeça. Agora, sentava-se na sujeira, o vestido manchado. Apesar disso, parecia radiante, talvez mais bonita devido às ruínas que a cercavam.

— Ajude-me — ela disse e só agora Kirsty percebera que a voz não vinha de trás do véu, mas do colo da noiva.

E, agora, as afluentes dobras do vestido se abriam e lá estava a cabeça de Julia — sobre um travesseiro de seda escarlate, emoldurada por um caimento de cabelos ruivos. Privada de pulmões, como poderia falar? Não obstante, falava…

— Kirsty… — ela disse, ela implorou, e suspirou, rolando de um lado para o outro no colo da noiva, como se esperasse desalojar a própria razão.

Kirsty poderia tê-la ajudado — poderia ter colocado a cabeça no lugar — contudo, o véu da noiva começou a se mover e a subir, como se fosse puxado por dedos invisíveis. Por detrás dele, uma luz brilhava e foi ficando cada vez mais e mais forte e, com ela, uma voz.

— *Eu sou o Engenheiro* — suspirou. Nada disse além disso.

Então, as dobras flutuaram mais alto e a cabeça ganhou o brilho de um pequeno sol.

Kirsty não esperou que a luz a cegasse. Em vez disso, afastou-se do saguão — os pássaros quase sólidos agora, os lobos insanos — e mergulhou porta afora, bem quando o teto começou a ceder.

A noite veio recebê-la — uma escuridão imaculada. Kirsty a respirou em tragadas avarentas, enquanto fugia da casa correndo. Era a segunda vez que partia daquela maneira. Que Deus impedisse, em nome da sanidade, que houvesse uma terceira.

Na esquina da Lodovico Street, ela olhou para trás. A casa havia se rendido às forças em seu interior. Ela permanecia silenciosa como um túmulo. Não, ainda mais silenciosa.

Enquanto virava-se, alguém trombou com ela. Kirsty gritou de surpresa, mas o pedestre já se afastava na direção do negrume ansioso que precede a manhã. Enquanto pairava nos limites da solidez, a figura olhou para trás e sua cabeça se incendiou num brilho, um cone de fogo branco. Era o Engenheiro. Ela não teve tempo de desviar o olhar; num instante, ele tornara a desaparecer, deixando apenas seu glamour à vista dela.

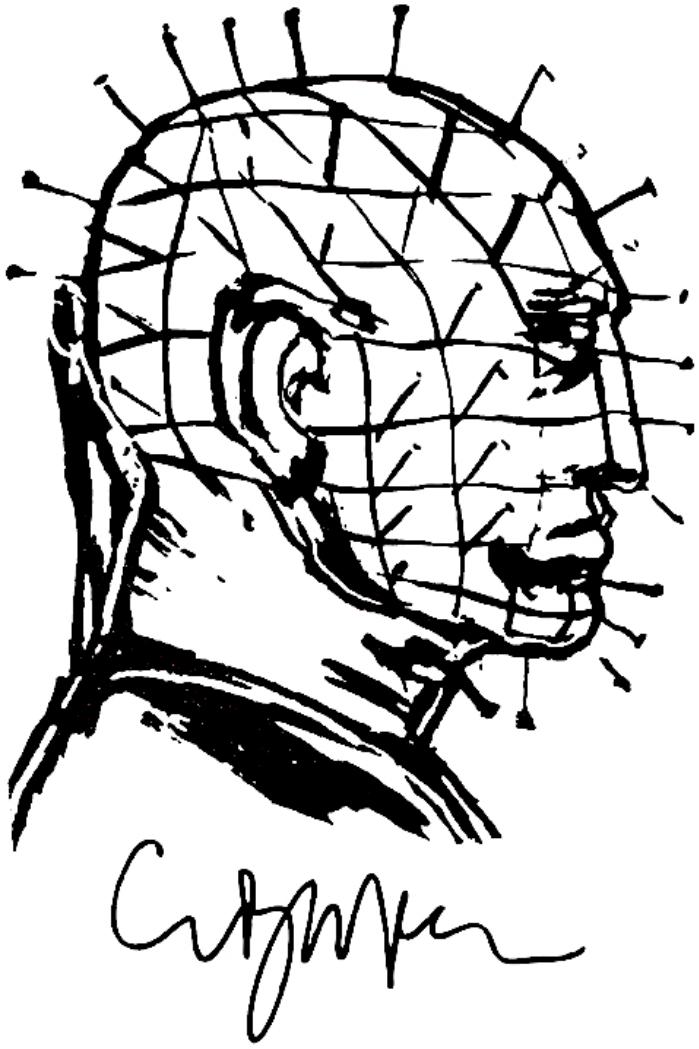
Só então ela percebeu o propósito da colisão. A caixa de Lemarchand tinha sido passada de volta para ela, e estava em sua mão.

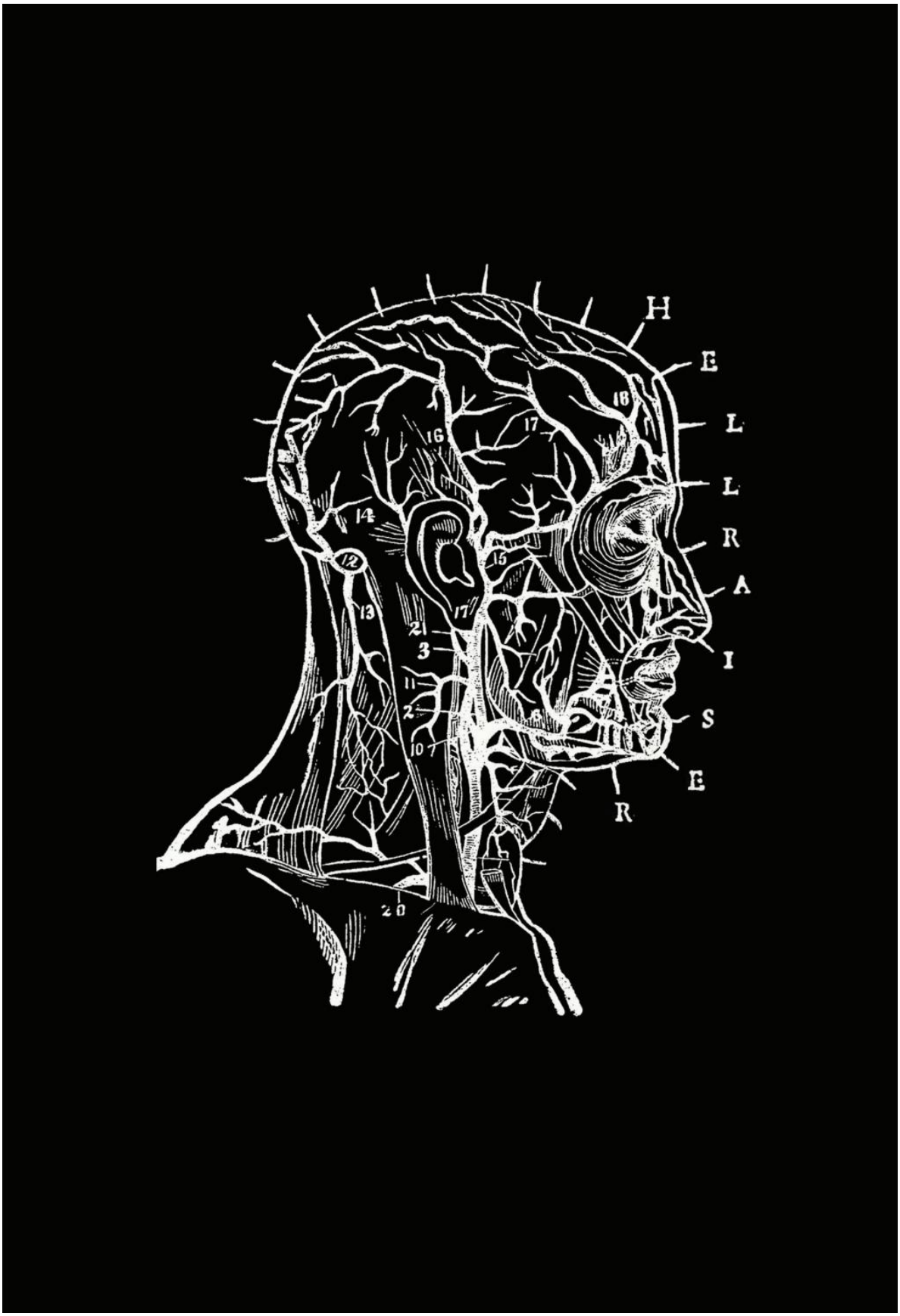
Suas superfícies tinham sido seladas imaculadamente e polidas até brilharem. Embora Kirsty não a tenha examinado, ela tinha certeza de que não fora deixada

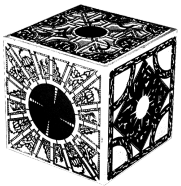
nenhuma pista quanto à sua solução. O próximo a descobri-la teria de se aventurar em suas faces sem um mapa. E, até que isso ocorresse, ela tinha sido eleita como guardiã? Aparentemente, sim.

Kirsty a girou em sua mão. Por alguns instantes, pareceu ver fantasmas nas faces laqueadas. O rosto de Julia e o de Frank. Ela girou-a novamente, buscando ver se Rory estava sendo mantido ali, mas não. Onde quer que esteja não era ali. Quem sabe haja outros enigmas que, se resolvidos, darão acesso ao local onde ele está. Talvez palavras cruzadas, cuja solução abra a tranca para os jardins do Paraíso ou um quebra-cabeça que, ao ser completado, dê acesso à Terra das Maravilhas.

Ela esperaria e observaria, como sempre esperara e observara, na ânsia de que tal enigma um dia chegasse às suas mãos. Mas, caso ele falhasse em se apresentar, ela não ficaria demasiado triste, por medo de que a reparação de corações partidos fosse um enigma que nem o tempo tivesse a habilidade de resolver.




H
E
L
L
R
A
I
S
E
R
18
17
16
14
12
15
13
2
3
11
2
10
20



Nascido e criado na Inglaterra, **Clive Barker** é um escritor conhecido internacionalmente, autor de vinte livros cuja temática varia de ficção adulta de horror à moderna série de livros infantis, *Abarat*. Também um artista amplamente aclamado e produtor de cinema, ele é mais conhecido como escritor e diretor do cult clássico de horror de 1987, *Hellraiser — Renascido do Inferno*, um filme que explora os temas do sadomasoquismo, dor como fonte de prazer e moralidade sob coação e medo. O filme é baseado na noveleta *The Hellbound Heart* e é o primeiro de uma franquia de sucesso, tendo gerado diversas sequências. *Hellraiser* foi elencado como o 19º na lista da revista *Bravo* dos "Cem Momentos Mais Assustadores do Cinema". Clive vive em Beverly Hills, Califórnia. Saiba mais em clivebarker.info.

Copyright © 1986 by Clive Barker
All rights reserved including the rights of
reproduction in whole or in part in any form
Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa
© Alexandre Callari, 2015

Título original: The Hellbound Heart

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Diretor Editorial
Christiano Menezes

Diretor Comercial
Chico de Assis

Gerente de Novos Negócios
Frederico Nicolay

Editor
Bruno Dorigatti

Capa e Projeto Gráfico
Retina 78

Designer Assistente
Pauline Qui

Revisão
Retina Conteúdo

Impressão
Gráfica Geográfica

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Andreia de Almeida CRB-8/7057

Barker, Clive
Hellraiser : renascido do inferno / Clive Barker ; tradução de Alexandre Callari. — Rio de Janeiro : DarkSide® Books, 2015.
160 p.

ISBN: 978-85-66636-69-7
Título original: *The Hellbound Heart*

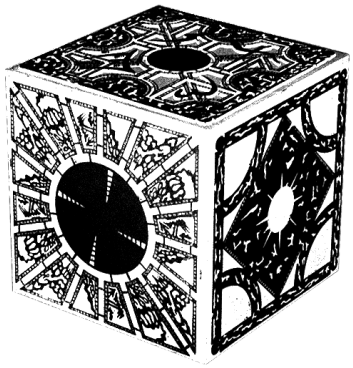
1. Literatura norte-americana 2. Ficção I. Título
II. Callari, Alexandre

15-0823 | CDD 813

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura norte-americana

DarkSide® *Entretenimento LTDA*.
Rua do Russel, 450/501 — 22210-010
Glória — Rio de Janeiro — RJ — Brasil
www.darksidebooks.com

Scan: Alan
eBook: Hyperion
Revisão: Yuna
Versão 1.0.0



Não havia prazer no ar; ou pelo menos,
não como a humanidade o entendia.

DARKSIDEBOOKS.COM